

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS**

**ELEMENTAR, MEU CARO TRADUTOR:
uma análise da tradução dos nomes próprios em *The Adventure of
the Empty House*, de Sir Arthur Conan Doyle**

Mariana Mello Alves de Souza

JUIZ DE FORA

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS

ELEMENTAR, MEU CARO TRADUTOR:
uma análise da tradução dos nomes próprios em *The Adventure of the Empty House*, de Sir Arthur Conan Doyle

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz Fora como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Letras-Tradução.

Orientadora: Profa. Pós-Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

JUIZ DE FORA

2016

BANCA EXAMINADORA

Profa. Pós-Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Carolina Magaldi
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Bárbara Ines Ribeiro Simoes Daibert
Universidade Federal de Juiz de Fora

Data da defesa: 29/02/2016

Nota: _____

A Ricardo Luiz de Mello, meu tio.

A Alan Rickman, meu Snape.

A David Bowie, meu Starman.

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer a Sir Arthur Conan Doyle por ter criado tão fascinantes personagens. Sem Sherlock e Watson, este trabalho não existiria.

Um muito obrigada se faz mais do que necessário à Dona Lucia, minha mãe e minha melhor leitora, às minhas irmãs Anna e Maíra, irmãs de coração e de Faculdade de Letras.

Gostaria de estender meus agradecimentos à minha orientadora Patrícia Fabiane, por ter tido uma paciência inimaginável comigo, por ter me mostrado que, sem dedicação e sem trabalho duro, não se chega a lugar nenhum.

Thank you so much às amigas do Bacharelado – Natália, Elisama, Bárbara e Cleverlaine – por terem dividido comigo as alegrias e agruras deste trabalho.

Um último, porém não menos importante, agradecimento ao Prof. Wagner Lacerda pelo bom humor, pelas teorias da conspiração, por ter incitado aquelas tão maravilhosas e tão necessárias gargalhadas e por ter sempre me dado a motivação para seguir em frente.

If you do not find a way, no one will. (Galadriel)

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma análise da tradução de *The Adventure of the Empty House*, conto escrito por Sir Arthur Conan Doyle, em 1903, e traduzido para a língua portuguesa por Antonio Carlos Vilela, em 2011, para a Editora Melhoramentos. Esta pesquisa tem como objetivos tratar do papel da tradução de nomes próprios na formação de identidades culturais, apontar as escolhas tradutórias realizadas a partir dos nomes próprios e observar como aspectos da cultura britânica foram trazidos ao Brasil e como se refletem na história a partir da tradução realizada. Para realizar a análise, são considerados os fundamentos de Newmark (1981) e Aguilera (2008) sobre a tradução de nomes próprios e também os fundamentos de Venuti (2002 [1998]) sobre a formação de identidades culturais. A metodologia de pesquisa, de natureza qualitativa, se baseia na análise de ocorrências representativas de nomes de personagens, nomes de lugares e títulos honoríficos. Espera-se, com este trabalho, lançar uma luz sobre as traduções da obra de Sir Arthur Conan Doyle de um ponto de vista ainda não explorado: os nomes próprios e o que eles representam no mundo real e literário.

Palavras-chave: Tradução de nomes próprios. Identidade cultural. Sherlock Holmes. Sir Arthur Conan Doyle.

ABSTRACT

This paper presents an analysis of the translation of *The Adventure of the Empty House*, short story written by Sir Arthur Conan Doyle in 1903 and translated into Portuguese by Antonio Carlos Vilela in 2011, for Editora Melhoramentos. This research aims to clarify the role of the translation of proper names in the formation of cultural identities, show the translational choices made through the proper names and observe how aspects of British culture were brought to Brazil and how they reflect in the story. To perform the analysis, will be considered the fundamentals of Newmark (1982) and Aguilera (2008) on the translation of proper names, as well as the fundamentals of Venuti (2002 [1998]) on the formation of cultural identities. The research methodology, that is qualitative, is based on the analysis of character names, names of places and honorific titles. It is expected that this paper will shine a light on the translations made of the writings of Sir Arthur Conan Doyle from an unexplored perspective: proper names and what they represent in the real and literary world.

Keywords: Translation of proper names. Cultural identity. Sherlock Holmes. Sir Arthur Conan Doyle.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – CRIADOR E CRIATURAS: <i>THE EMPTY HOUSE</i> E <i>A CASA VAZIA</i>	14
1.1. De Sir Arthur Conan Doyle e Sherlock Holmes	14
1.2. De <i>A Casa Vazia</i> e dos estudos brasileiros sobre Sherlock Holmes	19
1.3. Conclusões	23
CAPÍTULO II – APORTE TEÓRICO	25
2.1. A tradução de nomes próprios	25
2.2. A formação de identidades culturais	33
2.3. Conclusões	37
CAPÍTULO III – ANÁLISE	39
3.1. Procedimentos de análise	39
3.2. Análise dos dados	40
3.2.1. Títulos Honoríficos	40
3.2.2. Topônimos	43
3.2.3. Nomes de pessoas	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Títulos Honoríficos	40
Quadro 2 – Topônimos	41
Quadro 3 – Nomes de Pessoas	42
Quadro 4 – Títulos Honoríficos	44
Quadro 5 – Topônimos	48
Quadro 6 – Nomes de Pessoas	54

INTRODUÇÃO

A obra de Sir Arthur Conan Doyle é lida e estudada em diversas partes do mundo e é uma das grandes representações da Inglaterra no cenário mundial. Quando buscamos elementos que representem a cultura desse país europeu, invariavelmente iremos nos deparar com a personagem Sherlock Holmes. Cientes da enorme relevância que o detetive consultor e suas histórias possuem para a cultura e para a literatura brasileira, sentimos que é necessário destacar o papel da tradução na expansão do gênero literário policial, principalmente no âmbito da literatura juvenil. É inegável que, ao longo dos anos, numerosas edições e traduções de *A Casa Vazia* tenham sido lançadas no mercado, tanto em inglês quanto em outros idiomas, todas diferentes umas das outras. Porém, muito pouco tem sido analisado, seja qualitativa ou quantitativamente, das traduções dos contos e romances de Sherlock feitas para o público brasileiro. É nessa lacuna que este trabalho busca se inserir, analisando comparativamente o trabalho que foi feito pelo tradutor Antonio Carlos Vilela em relação ao texto original.

Acreditamos que o fato de Sherlock Holmes ser conhecido mundialmente não só através de livros, mas também pelos numerosos filmes, séries, peças teatrais e animações feitos sobre a personagem, seja o grande símbolo da consagração de seu autor no exterior. Diante disso, analisaremos a tradução de *The Adventure of the Empty House*, um dos vários contos escritos por Sir Arthur Conan Doyle, que inaugura o arco *The Return of Sherlock Holmes*. A tradução analisada foi feita por Antônio Carlos Vilela para a Editora Melhoramentos.

No caso específico da Editora Melhoramentos, seria aceitável dizer que suas publicações das histórias do detetive imortalizado por Conan Doyle visariam a levar o público jovem a ter contato com essa importante parte formadora da literatura inglesa e mundial, especialmente, pois não se pode pensar em Sherlock Holmes sem se pensar na história que marcou o seu retorno à literatura inglesa. Não se pode negar, todavia, que o conteúdo de *A Casa Vazia* já tenha sido explorado por numerosas mídias impressas e audiovisuais, mas cabe aos tradutores reconhecê-la e trabalhá-la, construindo um novo texto que possa se apresentar a novos públicos. Deve-se entender que essa construção não envolve apenas uma decodificação dos elementos linguísticos ou uma adaptação dos aspectos literários, mas, na verdade,

também um intrincado processo de transformação do texto, que sofre influências de numerosos fatores.

Surge, então, uma questão de grande pertinência: de que maneira um tradutor pode construir a sua própria versão de uma obra tão conhecida e, ainda assim, preservar os aspectos principais do texto original? Atrelada a essa questão está uma série de hipóteses como, por exemplo: a) a intenção da Editora Melhoramentos era tornar popular e acessível a leitura de grandes clássicos da literatura mundial; b) a facilitação do acesso a obras como as de Sir Arthur Conan Doyle possibilitou um aumento no número de traduções feitas oficial e não-oficialmente ao redor do mundo; c) sendo de domínio público, as histórias de Holmes e Watson concedem maior liberdade a tradutores e a escritores que desejam trabalhar com o universo criado por Conan Doyle.

Nesse sentido, pretendemos tratar do papel da tradução dos nomes próprios dentro do âmbito literário, apontar as escolhas tradutórias realizadas, observar a ocorrência de fenômenos tradutórios que possam ter influenciado a tradução como um todo, além de situá-la no contexto da literatura traduzida no Brasil. Assim, esperamos que este trabalho possa contribuir tanto para os estudos da tradução de nomes próprios quanto da obra de Sir Arthur Conan Doyle.

Como aporte teórico, utilizamos o conceito de formação de identidades culturais (VENUTI, 2002 [1998]) e ainda alguns trabalhos que tratam da tradução de nomes próprios (NEWMARK, 1981; AGUILERA, 2008), segundo os quais analisaremos as escolhas tradutórias realizadas e os significados que elas imprimem na tradução, em contraposição a seu significado original em inglês.

A fim de cumprir os objetivos propostos, no primeiro capítulo, apresentaremos a obra de Sir Arthur Conan Doyle desde seu contexto de surgimento na Inglaterra, até sua difusão no cenário internacional, passando pela importância de Sherlock Holmes para a literatura mundial. Discorreremos, também, sobre as histórias do detetive no Brasil e sobre a importância das mesmas para a literatura traduzida no país.

No segundo capítulo, abordaremos o conceito de formação de identidades culturais (VENUTI, 2002 [1998]) e, ainda, alguns trabalhos que tratam da tradução de nomes próprios (NEWMARK, 1981; AGUILERA, 2008), citados acima, que compõem o aporte teórico deste trabalho.

No terceiro capítulo, apresentaremos a metodologia de análise – especificando o *corpus* pesquisado e os procedimentos utilizados –, realizaremos a análise das ocorrências retiradas do conto original e de sua tradução e sugeriremos traduções possíveis para os termos escolhidos.

A partir do cumprimento dos objetivos propostos, esperamos, com este trabalho, fornecer uma visão sobre como é possível traduzir obras mundialmente conhecidas para novos públicos, sem perda de sentidos e/ou de conteúdos. Também temos a intenção de verificar até que ponto a tradução de nomes próprios influencia a construção do sentido da história como um todo. E, finalmente, buscamos destacar algumas importantes questões relacionadas à tradução de uma obra como *The Adventure of the Empty House*, beneficiando as futuras gerações de tradutores.

CAPÍTULO I

CRIADOR E CRIATURAS: *THE EMPTY HOUSE* E A CASA VAZIA

Este capítulo tem como objetivo fundamental fazer uma breve caracterização das circunstâncias de produção do famoso conto *The Adventure of the Empty House*, escrito por Sir Arthur Conan Doyle, que marcou a volta do personagem Sherlock Holmes à literatura, e também caracterizar em que âmbito surgiu uma de suas traduções feitas para a língua portuguesa pelo tradutor Antonio Carlos Vilela, através da Editora Melhoramentos.

Na primeira seção, caracterizaremos o contexto histórico no qual Sir Arthur estava inserido, apontando o movimento literário a que a obra pertence. Além disso, serão apresentadas informações de cunho biográfico sobre o autor e também será traçado um breve panorama do momento histórico em que a obra foi produzida.

Na segunda seção, abordaremos o papel de Antonio Carlos Vilela no contexto da tradução brasileira, buscando evidenciar suas influências tradutórias e aspectos relevantes na tradução da obra analisada.

E, por fim, na terceira seção, faremos uma breve revisão teórica sobre trabalhos já realizados que tratam de traduções do conto *The Empty House*, de modo a extrair deles informações que podem ser úteis para o propósito deste trabalho.

1.1. De Sir Arthur Conan Doyle e Sherlock Holmes

A grande popularidade que a Literatura possui hoje, em muito, se deve aos britânicos do século dezenove. Durante um período que a História classifica como Era Vitoriana, que se estendeu de 1837 a 1901, o Reino Unido foi governado pela Rainha Vitória, monarca que promoveu, entre outros avanços, a modernização nas prensas e nas máquinas para a tipografia, a utilização de papéis cuja celulose advinha de madeira barata e de meios de transporte eficientes o suficiente para espalhar os materiais impressos por todo o país. Nesse contexto, foi crescente a publicação de novos jornais, magazines, livros e folhetins, configurando-se, assim, o

cenário perfeito para aqueles cidadãos que cultivavam o hábito de ler por prazer e que estavam sempre desejosos de novas leituras. Entretanto, a autora Sally Mitchell explica, em seu livro *Daily Life in Victorian England*, que “[...] novos romances eram caros. Em forma de volume, eram lidos principalmente por pessoas da classe média e alta que pertenciam a bibliotecas de subscrição privada” (MITCHELL, 1996, p. 238).

Mesmo com tamanha difusão de conteúdo, o custo de produção de livros era elevado, o que fez com que escritores e editores buscassem uma nova maneira de atingir o seu leitor. Nascia ali a publicação seriada, em que uma história seria dividida em várias partes a serem publicadas periodicamente, a preços acessíveis. Autores consagrados, como Charles Dickens, aderiram a esse processo de publicação, que permitiu que obras como *David Copperfield* fossem publicadas. Dividida em 20 partes, a história do menino David e das desventuras enfrentadas ao longo de sua vida foi lançada mensalmente a partir de maio de 1849. Mitchell (1996, p. 239) afirma, a esse respeito, que:

Enquanto Charles Dickens foi o mais bem sucedido dos romancistas, cuja reputação sobreviveu até o século XXI, muitos outros escritores foram amplamente populares. Leitores da classe trabalhadora compravam suas obras de ficção em formas ainda mais baratas, em magazines ou encartes separados vendidos a um centavo por semana e impressas em 16 páginas de letras muito pequenas num papel do tamanho e da qualidade de um catálogo de telefone de uma cidade grande moderna. (MITCHELL, 1996, p. 239).

Histórias dos mais variados gêneros, tamanhos e autores surgiam a cada mês, cada vez mais direcionadas para públicos específicos. Nos idos de 1860, se estabeleceu uma acirrada competição entre os magazines mensais que custavam um xelim¹. E os editores encorajavam, cada vez mais, o público a consumir os chamados livros sensação, os quais Mitchell define como sendo “histórias com segredos, surpresas, suspense, emoções exageradas, perseguições dramáticas e acidentes de trem, e um mistério primordial cuja solução era guardada até a última edição” (MITCHELL, 1996, p. 239).

Foi graças a escritores especializados na vertente dos livros sensação, como Wilkie Collins, Ellen Price Wood e Mary Elizabeth Braddon, que se pavimentou o caminho para um jovem médico chamado Arthur Conan Doyle, cuja aspiração em

¹ Moeda divisionária inglesa, que, até 1971, representou a vigésima parte da libra esterlina.

criar histórias presenteou o mundo com o maior detetive de todos os tempos. Nascido em uma antiga e aristocrática família católica irlandesa, Arthur veio ao mundo em Edimburgo, em 22 de maio de 1859. Em seu livro, *Arthur Conan Doyle: Beyond Baker Street*, a autora Janet B. Pascal revela que:

Os Doyle poderiam traçar a sua linhagem retornando aos D'oel ou D'Ouilly, família nobre francesa do século 12; enquanto a família de sua mãe tinha ligações com os Conans e a Casa Percy e famílias plantagenetas da Inglaterra. Da época em que era uma criança, esta herança capturou a imaginação de Arthur. (PASCAL, 2000, p. 11).

Antes de se tornar um Sir², título que recebeu da Coroa Britânica em 1902 por sua participação honrosa na Guerra dos Bôeres³, e antes de se tornar famoso pela criação do personagem Sherlock Holmes e de começar a escrever suas primeiras histórias do detetive, o jovem Arthur viu sua família enfrentar momentos de dificuldade financeira. Entretanto, isso não esmoreceu o empenho de seus pais para prover a ele e às irmãs uma educação digna. Arthur, sendo um garoto de físico avantajado e de força superior à dos meninos de sua idade e sendo o único filho homem de Charles Doyle e Mary Foley, foi enviado para uma conservadora escola católica dirigida por padres jesuítas perto de Clitheroe, em Lancashire. Sobre a instituição, Pascal (2000, p. 14) descreve que:

Stonyhurst era dirigida por princípios medievais. O currículo dedicava um ano para cada um dos sete temas medievais padrão: elementos, figuras, rudimentos, gramática, sintaxe, poesia e retórica, termos obsoletos que na prática significavam geometria euclidiana, álgebra e clássicos gregos e latinos, ensinado por memorização. (PASCAL, 2000, p. 14).

Pascal narra que os anos vividos em Stonyhurst foram árduos para o jovem Arthur, cuja família havia se modificado em sua ausência. Ao terminar sua educação, ele buscou se tornar alguém capaz de ajudar seus pais, suas irmãs e seu irmão. Mesmo dotado de um enorme talento para escrever versos e ensaios e contando com o incentivo de seu tio, o distinto jornalista Michael Doyle, Arthur optou por cursar Medicina em Edimburgo, onde poderia ficar próximo de seus familiares e economizar com despesas. Como maneira de se distrair dos afazeres acadêmicos, ele começou a escrever contos na esperança de ganhar algum dinheiro extra. Em

² Título nobiliárquico britânico superior a baronete e inferior a barão.

³ Na Guerra dos Bôeres, colonos holandeses e ingleses lutaram pelo controle da atual África do Sul.

1879, *The Mystery of Sasassa Valley*, uma de suas primeiras histórias, foi publicada anonimamente no Chambers' Journal, para a felicidade do autor.

Influenciado pelos professores com quem convivia diariamente, Arthur começou a criar personagens para suas histórias, baseados nas figuras de seu cotidiano. O mais notável desses inspiradores mestres talvez tenha sido o cirurgião Joseph Bell, de quem Arthur foi secretário ambulatorial. Sobre a relação entre Doyle e Bell, Pascal (2000, p. 23) explica que:

O trabalho de Conan Doyle era atender os pacientes na sala externa, descobrir os fatos básicos sobre suas doenças, e, em seguida, levá-los para a clínica, onde Bell "sentava-se cercado por seus auxiliares [assistentes] e estudantes." Bell, então, os diagnosticava e os tratava na frente da multidão. Ele era conhecido entre os estudantes por sua incrível capacidade de deduzir fatos pessoais sobre os pacientes só de olhar para eles, antes que abrissem a boca. (PASCAL, 2000, p. 23).

Pascal aponta que foi essa capacidade que Conan Doyle tomou emprestada e embutiu em sua mais famosa criação. Assim como Bell, o detetive consultor Sherlock Holmes era capaz de deduzir os mínimos e mais significativos detalhes de seus casos, apenas ao vislumbrar brevemente os acontecimentos. Apresentado ao público pela primeira vez em 1887, Sherlock atraiu a atenção dos leitores, ainda que discretamente. A verdade era que *A Study in Scarlet*, seu livro de estreia, não fora tão bem recebido por editores e editoras da época. A existência de Sherlock e suas histórias na sociedade contemporânea só foi possível graças à Jeannie Gwynne Bettany, esposa de G. T. Bettany, um dos editores da Ward, Lock & Co. Em 1886, Jaennie convenceu o esposo de que Conan Doyle tinha talento para a escrita e de que a história merecia ser publicada.

Nos anos subsequentes, Arthur Conan Doyle se manteve ocupado escrevendo contos e romances cujas tramas alternavam entre as aventuras de Sherlock Holmes e de seu assíduo parceiro Dr. Watson e narrativas de cunho histórico, como é o caso de *The White Company*, 1891. Quando o conto *The Final Problem* foi publicado na Strand Magazine, em 1893, muitos leitores ficaram chocados ao descobrir que Sir Arthur Conan Doyle não só decidira cessar de escrever as histórias do detetive consultor Sherlock Holmes e seu fiel amigo Dr. Watson, como também decidira dar cabo daquele que seria seu mais famoso personagem. Sherlock encontrara sua morte na cena famosa em que desaparece nas cataratas de Reichenbach, na Suíça, junto com seu maior inimigo, o professor

Moriarty. Entretanto, a pressão do público da época para que Sir Arthur Conan Doyle voltasse a escrever sobre as aventuras de Sherlock foi tamanha que o autor teve de ressuscitar o personagem e dar a ele uma série de novos mistérios a serem desvendados, como explana Pascal (2000, p. 78):

A morte de Sherlock Holmes causou comoção entre os seus leitores. Nas ruas de Londres, os homens usavam braçadeiras e fitas de tecido pretas em seus chapéus em sinal de luto. Conan Doyle foi inundado de cartas furiosas, incluindo a sua favorita, de uma mulher que começou, "Seu bruto!" Talvez o mais chateado de todos fora Strand, que havia perdido uma de suas propriedades mais valiosas. A circulação da revista diminuiu para 20.000. No final de 'The Final Problem', a Strand publicou um aviso desprovido de veracidade e pouco desesperado, garantindo aos seus leitores: "Haverá apenas um intervalo temporário nas histórias de Sherlock Holmes. A nova série terá início em um número mais à frente.". Enquanto isso, a revista começou a imprimir imitações de outros escritores, mas nenhum desenvolveu a continuação de Holmes. (PASCAL, 2000, p. 78).

Sir Arthur adiou uma volta à realidade de Sherlock o máximo possível. Todavia, quando o fez, foi de forma engenhosa no conto *The Adventure of the Empty House*, publicado também na Strand Magazine em 1903, o qual abre a coletânea *The Return of Sherlock Holmes*. Nele, Sir Arthur, através da narração do Dr. Watson, conta como o detetive escapou da morte por milagre e reaparece em Londres de forma surpreendente, três anos mais tarde. Toda a história por trás de *The Empty House* acontece ao redor do assassinato de Ronald Adair, ocorrido em circunstâncias misteriosas. E, fazendo uso de seus talentos investigativos, Holmes, ao lado do onipresente Watson, se embrenha numa caçada pelo assassino de Ronald, antes que o mesmo os encontre e lhes dê o mesmo destino do pobre Adair. Sobre a opinião pessoal do autor sobre a ressurreição literária de Holmes, Pascal (2000, p. 107) esclarece que:

Conan Doyle estava satisfeito com suas novas histórias de Sherlock Holmes. Ele disse à sua mãe que "The Adventure of the Empty House" era "uma rara e boa história", e das quatro primeiras histórias, "Eu tenho três miras e uma fora." (A última era "The Adventure of the Lonely Cyclist", da qual ele nunca gostou muito.) (PASCAL, 2000, p. 107)

No cânone de Sherlock Holmes, muitos são os elementos referentes à cultura britânica que permeiam as histórias do detetive, desde a menção a uma simples xícara de chá, chegando aos pormenores do funcionamento da hierarquia governamental da Inglaterra Vitoriana. E nota-se que, ao realizar a tradução dos

desses elementos, parte de sua carga significativa, principalmente a de nomes como títulos de nobreza, títulos de livros, endereços e objetos, é perdida. É evidente que muito dessa perda de carga significativa se deve ao fato de que não existe correspondência total entre palavras de idiomas distintos. Todavia, se observa que, mesmo quando existe uma correspondência de peso entre os vocábulos, tradutores optam por inserir palavras de significados adversos em suas traduções. Isso foi observado, inclusive, na tradução de certos nomes presentes em *The Empty House*, para a língua portuguesa, como será discutido no Capítulo III.

1.2. De A Casa Vazia e dos estudos brasileiros sobre Sherlock Holmes

Em um artigo originalmente publicado no *Jornal do Brasil* em 17 de fevereiro de 2008, o escritor Flávio Moreira da Costa cita o caso de um cidadão inglês, a quem chama de possivelmente desocupado ou excêntrico, que relacionou as três personalidades mais conhecidas do mundo: Papai Noel, Mickey Mouse e Sherlock Holmes. Costa diz desconhecer o critério ou a finalidade da escolha, mas, de acordo com ele próprio, o teor de curiosidade da história refere-se ao fato de que se trata de duas personalidades ficcionais e uma do imaginário religioso-popular. Para Costa (2008, p.2), “mesmo sem acreditar em Papai Noel, fica difícil não acreditar na vitalidade de Sherlock, um dos raros personagens da literatura que virou substantivo em vários idiomas – como sinônimo de detetive.”

Um sucesso literário indubitável em seu país de origem, Sherlock Holmes também é um velho conhecido do público brasileiro. As primeiras traduções de suas histórias chegaram ao país há pelo menos uns 60 anos, como avalia Costa (2008). Oriundas de diversas editoras, as centenas de edições que dividem espaço no mercado editorial brasileiro foram publicadas em décadas e anos diferentes, entretanto algumas apresentam características que as tornam dignas de menção, como é o caso da Série Sherlock Holmes, publicada pela Editora Melhoramentos.

Os contos e romances escritos por Sir Arthur Conan Doyle foram traduzidos por Antonio Carlos Vilela e reunidos em 13 volumes, lançados no começo dos anos 2000. Durante boa parte dos últimos 15 anos, foram as edições da Melhoramentos que proporcionaram a jovens leitores a oportunidade de terem contato com o universo do detetive e de seu parceiro Dr. Watson, devido à grande presença da

editora no cenário escolar do Brasil. Recentemente, os volumes da Série Sherlock Holmes passaram por revisão, de modo a se adequarem ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, e ganharam novas edições. Este é o caso de *A Volta de Sherlock Holmes*, que compila as histórias *A Casa Vazia*, *O Construtor de Norwood*, *Os Dançarinos*, *O Ciclista Solitário*, *O Caso da Priory School* e *Peter Sombrio*.

Publicado inicialmente em 2001, a obra *A Volta de Sherlock Holmes* foi reimpressa e lançada no mercado em 2013, preservando integralmente o conteúdo de sua primeira edição, inclusive as ilustrações feitas pelo NW Studio. A única ressalva que se faz é que sete dos treze contos que compunham o arco original *The Return of Sherlock Holmes* não foram incluídos em nenhuma das duas edições de *A Volta de Sherlock Holmes*, e sim realocados em outros volumes da Série. Todavia, o conto de interesse deste trabalho, *A Casa Vazia*, permaneceu intacto em ambas as edições, e, nele, Sir Arthur, através da narração do Dr. Watson, conta como o detetive escapou da morte por milagre e reaparece em Londres de forma surpreendente, três anos mais tarde. Toda a história por trás do conto acontece ao redor do assassinato de Ronald Adair, ocorrido em circunstâncias misteriosas. E, fazendo uso de seus talentos investigativos, Holmes, ao lado do onipresente Watson, se embrenha numa caçada pelo assassino de Ronald, antes que o mesmo os encontre e lhes dê o mesmo destino do pobre Adair.

A tradução de *A Casa Vazia* publicada pela Editora Melhoramentos e de todas as outras histórias de Sherlock Holmes foi realizada por Antonio Carlos Vilela⁴, profissional bastante conhecido na área de tradução e no cenário editorial brasileiro. Nascido em São Paulo, no dia 13 de junho de 1966, Vilela se formou em Comunicação Social – Cinema pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Sua carreira como escritor se iniciou em 1994 com o lançamento do livro *Michaelis Tour – Inglês para Viagem*. Em 1995, lançou sua primeira obra de ficção para jovens, intitulada *Sexo não é tudo na vida! Então por que eu penso nisso o tempo todo?*. Outras publicações se seguiram nos anos subsequentes, entretanto, em 1996, Vilela aumentou sua popularidade literária ao traduzir para a Editora Melhoramentos o livro *Coisas que Toda Garota Deve Saber*, de autoria da inglesa Samantha Rugen.

⁴ Todas as informações pessoais acerca do tradutor foram encontradas na internet, disponibilizadas pelo próprio Vilela em seu perfil na rede social Facebook e em seu website Papo de Família, uma vez que ele não respondeu a nenhuma mensagem que lhe foi encaminhada. Nesse sentido, até a conclusão desta monografia, nenhuma declaração vinda do tradutor pode ser utilizada para comprovar ou refutar os dados aqui apresentados.

Conforme conta o próprio Vilela:

A partir de insistentes pedidos das leitoras por uma continuação que Samantha Rugen não escreveu, a Editora Melhoramentos pediu a Antonio que produzisse essa sequência. Assim iniciou-se a série "Coisas", que inclui as obras, escritas por Antonio, *Mais Coisas que Toda Garota Deve Saber*, *Coisas que Todo Garoto Deve Saber* e *Mais Coisas que Todo Garoto Deve Saber*. Esses livros todos fizeram muito sucesso e permaneceram várias semanas nas listas de mais-vendidos da Revista Veja, do Jornal do Brasil, entre outras⁵.(VILELA, s/d)

Após traduzir todas as aventuras de Sherlock Holmes para a Editora Melhoramentos, Vilela escreveu sua própria aventura policial, sem dúvida, inspirada pelo maior de todos os detetives. *Lelé da Cuca – Detetive Especial* conta a aventura de Marcelo, o Lelé, um garoto de doze anos com poderes excepcionais de observação e dedução. Atualmente, mantém o blog *Papo de Família*⁶, em que escreve crônicas familiares para reflexão dos leitores.

Por sua vez, a Editora Melhoramentos hoje ocupa posição de destaque no mercado. Mesmo sendo mais conhecida editorialmente pela linha de Dicionários Michaelis e por seus livros escolares, para não perder a tradição de ser a principal editora infanto-juvenil do país, iniciada em 1915 com a edição de *O Patinho Feio*, a editora reúne entre seus autores nomes como Eça de Queirós, Ziraldo, Hans Christian Andersen, além do próprio Sir Arthur Conan Doyle. A editora define como sua missão:

Ser provedora de conteúdo editorial, destacando-se como líder nas áreas infantil, juvenil, gastronomia e de obras de referência, com elevado padrão de qualidade, valorização do indivíduo, da sociedade e do ambiente em que atua e oferecendo adequado retorno aos investimentos de seus acionistas⁷.(EDITORA MELHORAMENTOS, s/d)

É inclusive através das traduções da Editora Melhoramentos que muitos jovens têm o primeiro contato com os grandes nomes da literatura mundial e passam a gostar de histórias como as de Sherlock Holmes, o que, no futuro, resulta num interesse mais profundo e acadêmico. Tendo como legado uma extensa obra de caráter literário e espiritual, é natural que Sir Arthur Conan Doyle e seus trabalhos

⁵ Retirado de: https://www.facebook.com/vilela.ac/info?tab=page_info. Acesso em: 15 de abr. de 2015.

⁶ Retirado de: <http://papodefamilia.vilela.ws>. Acesso em: 7 de jun. de 2015.

⁷ Retirado de: <http://editoramelhoramentos.com.br/v2/a-editora/historico/>. Acesso em: 16 de abr. de 2015.

ainda sejam pesquisados nos dias de hoje. Vários estudos são frequentemente realizados, não somente com relação às histórias de Sherlock Holmes como também com relação a seus escritos sobre a doutrina espírita.

Entretanto, para o propósito deste trabalho, esperou-se que existisse um grande número de artigos e pesquisas referentes às traduções da obra de Sir Arthur Conan Doyle. Porém, o que existem são artigos e pesquisas voltados aos aspectos literários dos contos e romances de Sir Arthur, cujo foco é na análise de aspectos referentes às personagens, à narrativa, e não nas numerosas traduções feitas, o que faz com que o presente trabalho seja um dos pioneiros na análise tradutória de Sherlock Holmes. Naturalmente, este trabalho se ocupará em listar artigos considerados relevantes, cada um ao seu modo, que foram encontrados em fontes acadêmicas e se relacionam ao seu propósito: as traduções feitas das narrativas do detetive consultor em língua portuguesa. Portanto, o artigo a seguir servirá, ainda que de maneira superficial, como referência de fundamento e de bibliografia.

Em *Slash Fiction como mecanismo tradutório: o caso Sherlock/Watson*, a autora Juliana Bastos busca analisar o fenômeno da *slash fiction* enquanto mecanismo tradutório. O artigo de Bastos, além de fazer uma apresentação das características da *fanfiction* – que se caracteriza como um texto escrito por fãs de uma obra literária pré-existente, especialmente, da *slash fiction*, cuja principal característica consiste na adição de relações homoeróticas e homoafetivas –, foca também na análise do jogo criado entre os contos do escritor Arthur Conan Doyle e três *slash fictions* escritas por diferentes autores e disponíveis na internet: *Absurd Simply*, *The Beginning* e *A Marrying Man*, sob a ótica da tradução, pensando-a enquanto suplemento. Para Bastos (2014, p. 156),

A slash efetivamente suplementa os não-ditos subliminares que seus autores percebem na obra traduzante que, nesse caso, pode não ser uma obra específica, mas o conjunto das características dos personagens e os fatos apresentados nos textos de partida. (BASTOS, 2014, p. 156).

Mesmo analisando outras obras além de *The Adventure of the Empty House* e mesmo considerando outros aportes, o artigo de Bastos (2014) é útil por considerar a tradução como instrumento. Reitera-se aqui que o presente trabalho irá se inserir, como o de Bastos (2014) se inseriu, na lacuna que existe sobre estudos tradutórios acerca da obra de Sir Arthur Conan Doyle.

1.3. Conclusões

Vimos que, durante o reinado da Rainha Vitória na Inglaterra, significativas mudanças foram introduzidas nas diversas camadas da sociedade, mudanças essas que se refletiram também na literatura. Os avanços técnicos e científicos oriundos da Revolução Industrial permitiram o surgimento de novas formas de divulgação de conteúdos, de novos autores e autoras, além do surgimento de novos textos e tipologias que antes eram inexistentes ou inexplorados.

É nesse contexto que surge a figura de Arthur Conan Doyle, um médico graduado, que decidiu se inserir com afinco no meio literário depois de uma série de pequenas publicações bem sucedidas. Todavia, o sucesso de seu mais conhecido personagem só veio após a interferência da esposa de um dos editores que viria a lançar *A Study In Scarlet*, livro inaugural das histórias de Sherlock Holmes.

Nos anos que se seguiram, a personagem protagonizou outros romances e numerosos contos ao lado de seu fiel companheiro, o Dr. John Watson, tamanha era a fama da “criatura” que ameaçava eclipsar seu “criador”. A solução encontrada por Conan Doyle foi dar cabo do detetive consultor, o que aconteceu, de fato, na história *The Final Problem*, de 1893. Porém, depois de alguns anos e depois de incessantes clamores feitos pelo público leitor e pelos editores responsáveis por publicar o amado Sherlock Holmes, Conan Doyle cedeu e “ressuscitou” Sherlock no conto *The Adventure of the Empty House*, publicado em 1903.

Ambos os contos, assim como a obra completa referente a Sherlock e Watson, possuem versões em mais de 50 idiomas, o que faz de Sir Arthur Conan Doyle um dos escritores mais conhecidos, lidos e estudados do mundo. No Brasil, editoras como as extintas Francisco Alves e Artenova publicaram seus volumes contendo traduções dos contos e romances. E, mais recentemente, a Zahar e a Melhoramentos se consolidaram como as casas de Sherlock no mercado editorial nacional.

Entretanto, vimos que a Editora Melhoramentos buscou ser mais acessível ao público leitor, expandindo sua influência principalmente no meio escolar. De fato, muito do contato que os jovens leitores têm com as histórias de Sherlock e Watson pode estar associado à grande presença das traduções literárias feitas por Antonio

Carlos Vilela e publicadas pela Editora Melhoramentos nas escolas de Ensino Fundamental e Médio no país.

Por fim, vimos que seria natural esperar um grande número de artigos e pesquisas referentes às traduções da obra de Sir Arthur Conan Doyle, o que infelizmente não acontece. Existem artigos e pesquisas de cunho literário, que analisam aspectos das histórias, mas que não perpassam o viés tradutório diretamente, o que faz com que o presente trabalho seja um dos pioneiros na análise tradutória de Sherlock Holmes.

CAPÍTULO II

APORTE TEÓRICO

Este capítulo tem como objetivo principal apresentar, de forma bastante pontual, o aporte teórico que fundamenta este trabalho. Nesse sentido, trataremos de algumas questões que servirão de base para a análise a ser empreendida no Capítulo III.

Na primeira seção, serão abordados os trabalhos de Newmark (1981) e Aguilera (2008) e de outros autores que tratam da tradução de nomes próprios e das problemáticas que podem surgir quando um nome é traduzido dentro de um contexto específico.

Na segunda seção, trataremos do papel da tradução na formação de identidades culturais (VENUTI, 2002 [1998]).

2.1. A tradução de nomes próprios

Antes de se empreender qualquer análise, é necessário distinguir os nomes a serem considerados por este trabalho de outros tipos de nomes descritos pela gramática. Em seu artigo *Proper Names in Translation: An Explanatory Attempt*, Abdolmaleki (2012, p. 832) estabelece que “basicamente, nomes são classificados em comuns e próprios. Nomes comuns referem-se a uma classe de entidades, enquanto nomes próprios têm um referente único.”. Existem, entretanto, outras diferenças que os distinguem, como, por exemplo:

Nomes próprios não aceitam pronomes demonstrativos como determinantes. [...] Nomes próprios não aceitam adjetivos restritivos ou cláusulas restritivas relativas. [...] Em outras palavras, o status de um nome como sendo comum ou próprio, em última análise, é determinado por fatores situacionais. (ABDOLMALEKI, 2012, p.833)

Por fator situacional, se entendem as diferentes interpretações que um nome próprio pode ter, podendo apresentar um caráter de individualização/especificação

ou um caráter mais genérico, referindo-se, por exemplo, a um grupo de pessoas. O que determinará, portanto, a interpretação é o contexto.

Aprofundando-se nessa questão, cujo cerne remonta à época dos filósofos gregos Sócrates, Crátilo e Hermógenes ao lado do gramático Dionísio de Trácia, Carvalhinhos e Antunes (2007) descrevem que, quando ocorreu a sistematização da primeira gramática do mundo ocidental, Dionísio já descreveu o *onoma*, pois naquele tempo não existia o conceito de nome próprio como conhecemos atualmente, em oposição ao nome comum. Segundo as autoras, a definição de *onoma* abarcava ambos – nomes próprios e comuns – por se referir a denominações de seres individuais, atividades humanas e objetos. Todavia, Brito (2003 *apud* RAMOS, 2008, p.1) menciona que:

A diferença entre um nome de espécie e um nome próprio poderia, então, ser formulada nos seguintes termos: um nome de espécie designa todo objeto, *qualquer que ele seja*, que, em função de um conjunto de qualidades, possa ser classificado como elemento da espécie. Tenha a espécie um ou mais membros (se algum membro tiver), todos serão designados pelo mesmo nome indiscriminadamente. Característico dos nomes próprios é, ao contrário, que por meio deles não é designado qualquer objeto de um certo tipo, mas um objeto singularmente determinado. (BRITO 2003 *apud* RAMOS, 2008, p.1).

Visto que a caracterização de um nome, seja ele próprio ou comum, abarca uma série de pressupostos e abre margem para numerosos debates, o dicionário *Cambridge* define um nome próprio como sendo o nome de uma determinada pessoa, lugar ou objeto que está escrito com letra maiúscula. Tal definição pode ser bastante abrangente e, por isso, Peter Newmark, em seu livro *Approaches to Translation*, estabelece a distinção básica entre nomes próprios e o que ele considera termos culturais, definição presente em outros trabalhos:

Enquanto ambos se referem a pessoas, objetos ou processos peculiares a uma única comunidade étnica, os nomes próprios possuem um único referencial e os termos culturais se referem a uma classe de entidades. Na teoria, nomes de pessoas ou objetos são línguas “exteriores”, pertencendo, sendo assim, à enciclopédia e não ao dicionário; possuindo, como Mill estabeleceu, nenhum significado ou conotações; se tornando, dessa forma, intraduzíveis e não passíveis de serem traduzidos. (NEWMARK, 1981, p.70).

Considerado fundamental no campo da tradução dos nomes próprios em língua inglesa, Newmark (1981) categoriza os nomes próprios separadamente para,

em primeira instância, esclarecer que cada tipo de nome próprio possui características específicas e que as mesmas requerem cuidados específicos em sua tradução. Em segunda instância, compreendidas as propriedades individuais de cada nome próprio, procedimentos tradutórios seriam escolhidos de acordo com as propriedades apresentadas, caso seja necessário realizar uma tradução.

Uma vez que nomes próprios, institucionais e termos culturais se interseccionam, Newmark (1981) sugere que sejam divididos em cinco categorias, as quais se encontram sistematizadas a seguir:

- a) Nomes próprios: incluem nomes de figuras históricas e bíblicas juntamente com seus sobrenomes; nomes de personagens literários; nomes geográficos; pronomes de tratamento.
- b) Termos institucionais históricos: se referem a conotações de um nome geográfico quando implicadas num texto histórico ou literário e incluem nomes de empresas, instituições privadas, escolas, universidades, hospitais, jornais e periódicos.
- c) Termos institucionais internacionais: dizem respeito às siglas de organizações internacionais; órgãos governamentais estrangeiros; posições e organizações dentro da Igreja Católica.
- d) Termos institucionais nacionais: referem-se a termos políticos, financeiros, administrativos e sociais.
- e) Termos culturais.

Já Aguilera (2008), em seu trabalho *The Translation of Proper Names in Children's Literature*, se baseia nas categorias apresentadas pelo dicionário da *Real Academia Española (RAE)*, o qual aloca os nomes escritos com letras maiúsculas da seguinte forma:

- a) Nomes de pessoas, animais ou coisas singularizadas.
- b) Denominações geográficas: abarcam nomes em que o artigo faz oficialmente parte do nome próprio – nesse caso, ambas as palavras começam com letra maiúscula – e os nomes que acompanham nomes próprios de lugar na composição de topônimos.
- c) Sobrenomes.

- d) Nomes de planetas, constelações, estrelas ou corpos celestes estritamente considerados como tal.
- e) Nomes de signos astrológicos.
- f) Nomes de pontos cardeais, quando nos referimos a eles explicitamente.
- g) Nomes de festas civis e religiosas.
- h) Nomes de divindades.
- i) Livros sagrados.
- j) Marcas comerciais.

Embora as contribuições tanto de Newmark (1981) como de Aguilera (2008) sejam consideradas uma referência na onomástica e na tradução de nomes próprios, neste trabalho, será adotada especificamente a tipologia de Newmark (1981) no que diz respeito a nomes de personagens, nomes de lugares e títulos honoríficos, porém também serão realizados apontamentos considerando a tipologia de Aguilera (2008) durante a análise realizada no Capítulo III.

Desse modo, em relação à tipologia de Newmark (1981), realizaremos, a seguir, considerações sobre os tipos de nomes próprios que são categorizados por ele e considerados na análise da tradução dos nomes próprios na obra *The Empty House/A Casa Vazia*.

De acordo com Newmark (1981) e com a análise realizada neste trabalho, personagens fictícios designam aqueles que são retratados em trabalhos de literatura como poesia, romances, peças teatrais etc. Os nomes de tais personagens, mesmo aquelas figuras cuja existência não é inteiramente fictícia – mas o contexto onde se encontram é – invariavelmente carregam um significado que os tornam singulares na história, distanciando-os dos demais nomes, como é o caso do primeiro nome do protagonista do conto.

Embora bastante incomum, Sherlock se tornou um sinônimo de detetive, de dedução, de todo um conjunto de elementos que remetem diretamente à Inglaterra da Rainha Vitória. O mesmo acontece com prenomes, sobrenomes e apelidos, como é o caso do fiel companheiro de Sherlock. Muitas vezes referido na história apenas como Watson, o uso do sobrenome do personagem o diferencia dos demais Watsons que certamente habitavam a Grã-Bretanha.

Assim como os nomes de personagens, os nomes de locais ou nomes geográficos também possuem a rara característica de que alguns (usualmente os

menores e de menor importância) denotam apenas um objeto e não possuem conotações. Segundo a definição do IBGE⁸, “o nome geográfico é, basicamente, o nome de um lugar ou feição sobre a superfície da Terra”. Além disso, o nome geográfico pode ser entendido genericamente como topônimo, que se divide em duas categorias definidas pelo *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS & VILLAR, 2001):

- a) Endônimo: nome geográfico estrangeiro que obedece à grafia original do país de origem.
- b) Exônimo: nome geográfico estrangeiro escrito de forma diversa da grafia original do país de origem.

Newmark (1981) acrescenta que, no passado, nações tendiam a naturalizar nomes de cidades e províncias ocupadas, visitadas frequentemente ou consideradas importantes. O que ocorria era uma renomeação parcial, realizada para facilitar a pronúncia e a grafia ou, então, a criação de uma nova palavra, o que o autor chama de chauvinismo linguístico, ou seja, algo desnecessário.

O que não pode ser considerado desnecessário, todavia, é o conceito do título de nobreza, aqui elencado como tipo de nome próprio. Um título nobiliárquico, antes de mais nada, deve ser entendido como uma representação de status social cuja existência remonta do século V, período do feudalismo europeu, em que as relações de poder se estabeleciam através da cessão de títulos e terras: o rei – figura decorativa no feudalismo – cedia aos nobres senhores feudais a posse da terra e dava a eles uma denominação, e estes a utilizavam ao seu bel prazer, controlando seus subordinados chamados vassalos. Sobre essa relação, o historiador Celso Silva Fonseca, da Universidade de Brasília, afirmou em uma matéria da revista *Mundo Estranho*⁹, que:

Os nobres tinham autoridade jurídica e militar sobre o território concedido pelo monarca. Entre outras coisas, eles cobravam impostos, cuidavam das fronteiras e recrutavam exércitos para o reino. (FONSECA, 2015)

⁸ Disponível em: <http://www.ngb.ibge.gov.br/default.aspx?pagina=nomesgeograficos>. Acesso em 30 de nov. de 2015.

⁹ Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/qual-a-diferenca-entre-os-titulos-da-nobreza>. Acesso em 30 de nov. de 2015.

Com o passar dos séculos e com as mudanças sofridas na estrutura das sociedades ao longo da história, foi-se convencionado uma hierarquia específica dentre as nobrezas do mundo, onde, no decorrer do século IX, se observou a existência do caráter hereditário dos títulos nobiliárquicos, entre outras características. Mas é comum que erros de caracterização aconteçam com relação aos títulos de nobreza no Brasil, onde designações da fidalguia aportaram no século XIX. Para Costa (2014), tais erros se devem ao fato de que o Brasil não teve uma nobreza tradicional, salvo pela transplantada família imperial. Nesse sentido, os títulos teriam sido distribuídos pelo Imperador como se fossem condecorações e não eram hereditários.

Caso o herdeiro de um membro da nobreza desejasse utilizar a mesma denominação, era preciso pagar uma determinada quantia em dinheiro ao governo. Entretanto, com a proclamação da República em 1889, a grande maioria das referências à época monárquica foram abolidas pelos militares, incluindo os títulos de nobreza. Atualmente, membros da nobreza brasileira ocupam um lugar simbólico na sociedade, porém, em países como a Inglaterra, possuir um título de nobreza garante prestígio social.

Observa-se, na literatura inglesa principalmente, um apego aos títulos que pode ser justificado pela tradição britânica pós-feudal. Mesmo com a perda das terras, o nobre mantinha seu título hierárquico e também os benefícios advindos dele como o assento na Câmara dos Lordes, e também havia, nesse contexto, acessos preferenciais ao rei, à corte e a cargos públicos.

Em seu artigo *Proper Names and Translation*, a autora Samira Mizani cita que, de acordo com os estudiosos finlandeses Kustaa Vilkkuna (1990) e Marianne Blomqvist (1993), a partir de um ponto de vista cultural, nomes usados em literatura e nomes em geral interagem entre si, em certa medida. Nesse contexto, afirma-se o seguinte:

Um nome próprio cunhado com a finalidade de uma peça literária de trabalho pode afetar a popularidade e adoção de novos nomes no calendário, por exemplo, Wendy como um nome de obras de literatura é ocasionalmente usada para indivíduos reais. (VILKUNA ET BLOMQVIST *apud* MIZANI, 2008, p. 1)

Da mesma forma, Yvonne Bertills (2003, p.1) aponta que “uma vez que literatura (ficção) tem uma composição artística ou criativa, o valor, o corpo de

nomes próprios em obras literárias é mais dinâmico e, conseqüentemente, mais diversificado na formação, função e uso.". Reforçando as ideias de Mizani (2008) e Bertills (2003), é possível dizer que os nomes são normalmente empregados em obras literárias com o objetivo de transmitir uma mensagem ao leitor. E essa mensagem, muitas vezes, se dá através da comunicação entre os elementos do texto e também entre o autor da obra e seu leitor.

Ao falar da relação estabelecida entre autor e leitor no nível dos nomes próprios no texto literário, Fernandes (2006) argumenta que os nomes "funcionam para transmitir significados semânticos, semióticos-sociais e simbolicamente sonoros diretamente vindos do autor para o leitor, no que diz respeito, por exemplo a um personagem, lugar ou objeto referido na narrativa."

Por sua vez, Tymoczko (1999, p. 223) afirma que os nomes próprios também indicam "identidade racial, étnica, nacional e religiosa". Além dessa definição, a autora também os considera como "significantes densos" e explica que eles são "os mais problemáticos para traduzir, em parte porque o seu [...] significado é muitas vezes culturalmente específico e dependente de paradigmas culturais".

Em seu artigo *The Strategies for Translating Proper Names in Children's Literature*, as autoras Evelina Jaleniauskiene e Vilma Čičelyte (2009, p. 1) reforçam que:

Quando nomes próprios aparecem em um texto literário, podemos avaliar a sua presença tendo em mente diferentes aspectos: o uso de nomes especiais, o uso de nomes significativos, a interpretação de nomes, a contribuição para a caracterização, as alusões em nomes próprios, a função texto ou os efeitos que eles criam, etc. A maioria de nós pode simplesmente pensar que os nomes próprios geralmente não são traduzidos; no entanto, depois de comparar traduções com os textos originais (TO), podemos observar que os tradutores fazem vários tipos de coisas com nomes próprios. (JALENIAUSKIENĖ & ČIČELYTĖ, 2009, p. 1).

Quando se trata da postura do tradutor, existem duas escolhas: pode-se optar por manter o nome próprio intacto e aproximar o leitor de um elemento exterior e desconhecido; ou pode-se optar por traduzir o nome próprio, afastando o leitor desse elemento de estranhamento, o que configuraria, nos termos de Venuti (2008 [1995]), os conceitos de domesticação e estrangeirização, respectivamente. Jaleniauskiene e Čičelyte (2009) citam Gergana Apostolova, autora que trabalha aspectos importantes relacionados à tradução de nomes específicos:

A transformação de nomes na tradução [...] está profundamente enraizada na formação cultural do tradutor, que inclui as competências fonética e fonológica, a competência morfológica, a compreensão completa do contexto, a atitude correta para a mensagem, o respeito pela tradição, o cumprimento do atual estado de interferência cultural cruzada das línguas, o respeito aos valores culturais e as responsabilidades do tradutor. O processo vai desde um ouvido para o som estético até a motivação filosófica da renomeação. (APOSTOLOVA *apud* JALENIAUSKIENĖ & ČIČELYTĖ, 2009, p.14)

Assim sendo, é correto concluir que apenas possuir a competência linguística não é suficiente para que um tradutor seja capaz de traduzir com eficácia, especialmente quando se fala de nomes próprios. Portanto, é necessário o conhecimento de valores culturais e sociais, assim como é necessário que o tradutor considere o público-alvo, sua idade, em que contexto sócio-histórico-cultural esse público-alvo está inserido, uma vez que se sabe que diferentes públicos-alvos exigem diferentes estratégias de tradução.

Ainda no campo das estratégias de tradução, Newmark (1981) elenca, em seu trabalho *Approaches to Translation*, uma série de técnicas relativas à tradução e adaptação dos nomes próprios nos mais variados contextos, as quais estão discriminadas a seguir:

- a) Os nomes próprios são termos que se referem a pessoas, objetos ou processos peculiares que possuem referência singular. Portanto, seriam intraduzíveis inicialmente. Porém, esse princípio seria invalidado em situações quando o nome da pessoa ou do objeto já possui uma tradução aceita e caso o nome tenha se tornado comumente usado.
- b) Quando se trata de figuras históricas conhecidas, comumente seus nomes são traduzidos, assim como nomes cristãos que se referem a figuras bíblicas. Por outro lado, sobrenomes de figuras históricas têm sido geralmente preservados enquanto nomes de escritores clássicos são comumente naturalizados. Ainda segundo o autor, a pessoa cujo nome sempre é traduzido é o papa.
- c) Os nomes de personagens não deveriam ser traduzidos a princípio, já que tal fato sugeriria que os personagens teriam mudado de nacionalidade. Uma vez que sobrenomes em ficção geralmente apresentam conotações específicas, o tradutor deveria explicar as conotações em um glossário e deixar os nomes intactos. Já no caso da literatura infantil, o autor adota uma postura diversa: segundo ele, os nomes

próprios em contos de fadas, lendas e literatura infantil são geralmente traduzidos. O autor destaca ainda que, quando o nome da personagem apresenta conotações específicas na língua de partida, estas conotações deveriam ser reconstruídas na língua de chegada.

d) Os nomes geográficos, segundo Newmark (1981), compartilham com os nomes de pessoas o fato de designarem apenas um referente em particular. Portanto, também não deveriam ser traduzidos, já que particularizam esse referente. Quando as conotações de nomes geográficos estão implícitas em um texto literário ou histórico, o tradutor deve deixar transparecer estas conotações em sua versão ou em sua tradução. Quando a denotação do nome não é conhecida ou é obscura para o leitor, o tradutor geralmente acrescenta o nome genérico apropriado. Como destaca o autor, nomes de ruas e praças não são geralmente traduzidos, com exceção de alguns casos como, por exemplo, “Red Square” (Praça Vermelha).

e) A princípio, nomes de empresas, instituições particulares, escolas, universidades, hospitais etc. não são traduzidos, uma vez que se referem à cultura da língua de partida. Ocasionalmente, no entanto, podem ser traduzidos, particularmente em um texto informal.

f) Os nomes de jornais, revistas e periódicos sempre devem ser transcritos. Obras de arte famosas e nomes de livros são geralmente referenciados por seus títulos traduzidos já conhecidos. Quando um trabalho ainda não é conhecido, o seu título deve ser transcrito.

Observa-se, nas estratégias tradutórias de Newmark (1981), uma tentativa de sistematizar a tradução dos nomes próprios, evitando, assim, incongruências que poderiam ocorrer entre os mesmos e os demais termos num texto traduzido.

2.2. A formação de identidades culturais

Como a análise realizada no Capítulo III buscará discutir em que medida o apagamento da identidade cultural na tradução dos nomes próprios presentes na obra *The Empty House* pode influenciar a postura ética adotada pelo tradutor, trataremos pontualmente, nesta seção, das considerações de Venuti (2002 [1998]) acerca do processo de formação de identidades culturais na tradução. Além disso, com base nos trabalhos de Venuti (2002 [1998]) e Oliveira (2007), abordaremos o

conceito de ética na tradução, avaliando em que medida esse fenômeno que, normalmente ocorre em se tratando de textos traduzidos, influencia o processo de apagamento da identidade cultural na tradução dos nomes próprios.

Historicamente, é possível afirmar que a tradução se pratica desde a invenção da escrita. Prova disso são os textos oriundos de civilizações há muito extintas, aos quais hoje temos acesso justamente devido às traduções realizadas. Nesse sentido, a seguir, realizaremos uma breve discussão de natureza teórica, com enfoque pontual na formação da disciplina Estudos da Tradução e, principalmente, na abordagem proposta por Venuti (2002 [1998], 2008 [1995]).

Como disciplina, os Estudos da Tradução surgiram gradualmente a partir da produção de artigos científicos, pesquisas de campo, relatórios e relatos tradutórios colhidos por tradutores e também por acadêmicos em várias disciplinas relacionadas, tais como a Linguística e a Literatura, por exemplo. Entretanto, como destaca Freitas (2008, p. 97), as posturas adotadas anteriormente eram muito mais técnicas e restritas:

A busca incansável pela fidelidade ao original advogada por teóricos que encaravam a tradução como uma atividade mecânica de reprodução e o tradutor como copista de textos, foi redimensionada. A partir de os anos sessenta, muitos paradigmas foram repensados. Havia a preocupação de incorporar socialmente valores e discursos reprimidos. Foi em meio a esse movimento contestatório que a teoria da tradução passou a repensar o estatuto da tradução e do tradutor. Então dicotomias como autor/tradutor, original/tradução, tradução fiel/tradução livre estabeleceram-se nos discursos acadêmicos e promoveram toda sorte de discussões no que tange ao papel social do tradutor. (FREITAS, 2008, p. 97)

Holmes (2000, [1972]) foi quem primeiro estabeleceu as bases para a criação da tradução como uma disciplina e a dividiu conceitualmente em duas categorias gerais (pura e aplicada), que compreendem múltiplas teorias e abordagens práticas relevantes ao estudo da tradução como um fenômeno dentro e fora de si. Em sua evolução recente, notou-se que o foco, nos estudos relacionados à tradução, se alterou, tomando distância do campo linguístico para se aproximar, de forma mais geral do campo da cultura. Isso aconteceu principalmente devido aos trabalhos contínuos e sucessivos iniciados, principalmente, por Holmes (2000, [1972]), Even-Zohar (2000, [1972]), Berman (2007 [1985]), Lefevere (2007, [1992]) e Venuti (2002 [1998], 2008 [1995]). Como explica Folaron (2011, p. 1):

Durante a década de 1990, os Estudos da Tradução floresceram. As abordagens filosóficas à tradução expandiram o discurso disciplinar com noções de movimento hermenêutico (Steiner), de língua pura (na redescoberta da "Tarefa do Tradutor" de Benjamin), e de desconstrução (Derrida). As teorias polissistêmicas (Even-Zohar) iriam inspirar o desenvolvimento de novas tecnologias – as teorias descritivas da tradução (Toury) – que eram nitidamente orientadas para a recepção, e que propunham que as normas que prevalecem nas sociedades alvo eram as mesmas que, em última análise, determinavam a adequação e a aceitabilidade dos textos traduzidos, como evidenciou o surgimento do idioma hebreu na literatura em Israel. Os paradigmas da década de 1990 também mudaram mais claramente na direção da "cultura". Respondendo à necessidade para uma maior elaboração na definição de tradução como uma "transferência linguística e cultural", a "virada cultural" nos Estudos da Tradução foi beneficiada pelas metodologias surgidas do florescente campo dos Estudos Culturais, a fim de estudar os fenômenos da tradução ancorados pelos discursos de ideologia, gênero, pós-colonialismo, pós-estruturalismo, etc. (FOLARON, 2011, p.1)

Percebe-se que, com a aproximação entre tradução e cultura, os Estudos da Tradução se ramificaram em diferentes propostas teóricas a fim de tentar abranger o máximo de análises possíveis. E uma dessas propostas é realizada por Venuti (2002 [1998]). Avelar (2010, p. 276) destaca que “o tradutor, ao comunicar um texto estrangeiro, interpreta fatores domésticos, utilizando a tradução como colaborador à formação de atitudes domésticas em relação a países estrangeiros.”.

Basicamente, a passagem acima se refere a dois conceitos delineados por Venuti (2008 [1995]), a domesticação e a estrangeirização, os quais são bastante utilizados nos Estudos da Tradução. Vale ressaltar que, embora não sejam o foco deste trabalho, tais conceitos se fazem importantes, uma vez que estão intimamente relacionados à formação de identidades culturais por intermédio da tradução.

De acordo com Venuti (2008 [1995]), assumir uma postura domesticadora na tradução de um texto invariavelmente significa adaptar os elementos estrangeiros de modo que se adequem à realidade do público-alvo da tradução. Por sua vez, assumir uma postura estrangeirizadora na tradução de um texto significa a manutenção dos elementos estrangeiros, levando o público-alvo a ter contato com algo que pode lhe ser desconhecido e novo.

Para Venuti (2008 [1995]), que se baseou no trabalho de Schleiermacher (1813) para delimitar os conceitos, a domesticação envolve, por parte do tradutor, uma adaptação do texto de partida ao contexto cultural do texto de chegada, desconsiderando os mais relevantes aspectos culturais que caracterizam a língua/o texto de partida, o que contribuiria, inclusive, para a sua invisibilidade. Já a

estrangeirização consiste na busca pela permanência das diferenças linguístico-culturais que caracterizam o texto de partida. Nesse caso, o tradutor se torna visível no processo de tradução. E, nesse contexto, a invisibilidade opera com o conceito do apagamento da figura do tradutor, caracterizando uma tradução fluente, com marcas e com elementos que podem sinalizar que o texto teria sido originalmente escrito na língua de chegada. Nesse sentido, segundo o autor, quanto mais fluente a tradução, mais invisível é o tradutor e, conseqüentemente, mais visível é o autor do original. Vale destacar que duas questões emergem dos conceitos de domesticação e estrangeirização: a formação de identidades culturais por meio da tradução e a postura ética do tradutor.

No que se refere à formação de identidades culturais, Venuti (2002 [1998]) considera que a tradução pode produzir as maiores conseqüências, sendo, portanto, a maior fonte potencial de escândalo. Para ele:

A tradução exerce um poder enorme na construção de representações de culturas estrangeiras. A seleção de textos estrangeiros e o desenvolvimento de estratégias de tradução podem estabelecer cânones particularmente domésticos para literaturas estrangeiras, cânones que se amoldam a valores estéticos domésticos. (VENUTI, 2002 [1998], p.130).

Nos casos em que há domesticação, nota-se que os textos estrangeiros são, em geral, reescritos para se amoldarem a estilos e temas que prevalecem em determinado período das literaturas domésticas, em detrimento de discursos tradutórios mais caracterizados pela historicidade, que recuperam estilos e temas do passado, inserindo-se nas tradições domésticas.

Assim sendo, seria possível afirmar que a escolha de um texto estrangeiro e da estratégia para traduzi-lo pode alterar ou alicerçar cânones literários, paradigmas conceituais, metodologias de pesquisa, técnicas e práticas comerciais na cultura doméstica. Ou seja, atrelando identidades culturais à tradução, observa-se que a mesma pode agregar respeito pela diferença cultural ou suscitar indignidade a grupos étnicos raciais e nacionais específicos.

E, quando isso acontece, é importante avaliar a fundo as conseqüências, pois, se a tradução tem efeitos sociais de tão longo alcance, ao se formarem identidades culturais ela contribui para a reprodução e a mudança social. Portanto, torna-se importante avaliar esses efeitos, indagando se eles são bons ou maus ou se as identidades resultantes são éticas.

A ética na tradução é a segunda questão relacionada aos conceitos de domesticação e estrangeirização, estando entrelaçada à formação de identidades culturais, uma vez que é impossível dissociar a figura do tradutor e sua postura do processo de tradução em si. Oliveira (2007, p. 2) alude que:

Berman e Venuti, respectivamente nas obras originais de 1995 e de 1998, também chegaram à conclusão sobre a impossibilidade de se falar apenas em uma ética da tradução. Eles assim o fizeram não sem antes terem defendido a tese de que os tradutores éticos seriam apenas aqueles que pautam seus trabalhos na exposição, no âmbito do texto traduzido, da procedência do mesmo e que, agindo dessa forma, incitam seus leitores a reconhecerem a alteridade desse texto e a estabelecerem um diálogo entre as tradições entrecruzadas nesse processo de intermediação linguística e cultural que constitui a tradução. A apologia desse tipo de ética, nomeada por Venuti de *ética da diferença* ([1998] 2002), reverbera concepções acerca do Outro, do estrangeiro, presentes no seio de teorizações pós-estruturalistas e nos desdobramentos das mesmas encontrados no pensamento de Jacques Derrida sobre hospitalidade, que envolve, também, a questão linguística, pois, na concepção desse filósofo francês, “o convite, a acolhida, o asilo, o albergamento passam pela língua ou pelo endereçamento ao outro. [...] a língua é hospitalidade” (2003: 117). (OLIVEIRA, 2007, p.2).

Oliveira (2007), ao citar Berman (2007 [1985]) e Venuti (2002 [1998]), destaca que ambos apontaram para a possibilidade de se considerar como ética a prática da tradução que, ao privilegiar a língua e a cultura de chegada, estabelece um diálogo linguístico-cultural privilegiado pela *ética da diferença*. No entanto, um outro tipo de prática tradutória, que caracterizaria uma *ética da igualdade*, para fazer-se como tal, precisa se justificar nos espaços paratextuais da tradução, como prefácios, posfácios, notas de rodapé e glossários, e não na própria cena da reescritura.

2.3. Conclusões

Vimos que uma série de fatores e elementos podem influenciar a tradução de um texto. Desde a escolha desse texto até a finalização do processo, é possível afirmar que a tradução possui o poder de sugestionar mudanças nos âmbitos culturais e sociais, seja através do todo ou de uma parte, como no caso dos nomes próprios.

Segundo Newmark (1981) e Aguilera (2008), os nomes próprios são dotados de características que os destacam numa tradução. Nesse caso, os dividir em

categorias seria uma maneira de sistematizar e facilitar o trabalho do tradutor com relação ao restante de um texto. Para ambos os autores, um tradutor precisa ser cauteloso tanto ao traduzir os nomes próprios de uma língua fonte para uma língua alvo quanto ao decidir mantê-los inalterados, pois os nomes próprios, precisamente, seriam capazes de contribuir para o que Venuti (2002 [1998]) chama de formação de identidades culturais, ou seja, representações de culturas específicas que são apresentadas para outras culturas através da tradução. Por exemplo, um título honorífico, um topônimo ou um nome de pessoa pode constituir uma identidade cultural ao recriar um elemento exterior à cultura na qual ele foi inserido via tradução.

Entretanto, tal inserção pode criar “respeito ou estigma a grupos étnicos, raciais e nacionais específicos, gerando respeito pela diferença cultural ou aversão baseada no etnocentrismo, racismo ou patriotismo” (VENUTI, 2002 [1998], p. 130). Tudo isso depende da postura do tradutor: se ele optará por construir uma tradução domesticadora – que apaga as marcas do texto original, transformando os elementos de estranhamento em características domésticas da cultura-alvo – ou se ele optará por construir uma tradução estrangeirizadora – que mantém as marcas do texto original, criando uma identidade cultural para o mesmo na cultura-alvo.

De qualquer maneira, tanto uma tradução domesticadora quanto uma tradução estrangeirizadora perpassam a questão da ética na tradução. Como destacado por Oliveira (2007), Venuti (2002 [1998]) afirma que a ética pode ser conceituada como ética da diferença ou da igualdade, considerando a postura do tradutor. Nesse caso, a ética da diferença privilegiará a língua e a cultura de chegada, estabelecendo um diálogo linguístico-cultural. E a ética da igualdade, para fazer-se como tal, precisa se justificar nos espaços paratextuais da tradução, como prefácios, posfácios, notas de rodapé e glossários, e não na própria cena da reescritura.

CAPÍTULO III

ANÁLISE

Este capítulo visa a apresentar os procedimentos da análise que será realizada no trabalho, além de empreendê-la. Na primeira seção, serão apresentados os procedimentos de análise. Por sua vez, na segunda seção, o total de ocorrências será apontado, além de ser feita a delimitação do *corpus*. E, na terceira seção – a ser dividida em duas subseções –, a análise do corpus será efetivamente realizada.

3.1. Procedimentos de análise

Como o objetivo deste trabalho é tratar dos nomes próprios na obra *The Empty House* e de sua tradução realizada para a língua portuguesa, este capítulo será dividido em duas seções, correspondentes a: procedimentos de análise e análise propriamente dita.

Analisaremos os nomes próprios a partir do pareamento entre original e tradução e observaremos as preservações ou apagamentos feitos. *A posteriori*, serão sugeridas traduções de modo a exemplificar possíveis escolhas tradutórias que poderiam ter sido feitas. Quanto às escolhas linguísticas presentes na tradução e suas projeções na cultura de chegada, utilizaremos o conceito de formação de identidades culturais (VENUTI, 2002 [1998]).

Na segunda seção, será apontado e apresentado o total de ocorrências encontradas no conto *The Empty House* e em sua respectiva tradução. Na primeira subseção, será retomado o conceito de títulos honoríficos, inserindo num quadro aqueles a serem analisados. Na segunda subseção, será retomado o conceito de topônimos, inserindo num quadro aqueles a serem analisados. E, por fim, na terceira subseção, será retomado o conceito de nomes de pessoas, inserindo num quadro aqueles a serem analisados.

Em de cada subseção, o *corpus* apresentado será descrito e explicado comparativamente, e uma sugestão de tradução será proposta, levando sempre em conta os apagamentos de identidade cultural ocorridos no *corpus* pesquisado.

3.2. Análise dos dados

Diferentemente do que acontece em casos de domesticação ou estrangeirização, em que um elemento vindo do texto-fonte é transformado em algo conhecido para o leitor no texto-alvo ou é mantido para preservar sua carga cultural original ainda que provocando estranhamento no leitor, notou-se que, no caso do conto *The Empty House*, o que ocorre na tradução feita são apagamentos de identidade cultural. Ou seja, um elemento com potencial para construir uma identidade da cultura de partida foi removido na tradução, deixando uma lacuna onde deveria estar outro elemento, ainda que convertido à cultura de chegada.

De modo a averiguar a fundo tais apagamentos, o *corpus* inicial de nomes próprios, que conta com 97 ocorrências, foi dividido em três categorias distintas: títulos honoríficos, topônimos ou nomes de lugares e nomes de pessoas. Para cada categoria, foram agrupados os elementos mais destacados do total, de forma que a análise se centrará naqueles de maior significância.¹⁰

Quadro 1 – Títulos Honoríficos

TRADUÇÃO - MELHORAMENTOS	TEXTO ORIGINAL EM INGLÊS
nobre	Honourable
Duque	Earl
governador	Governor
Srta.	Miss
Sr.	Mr.
Sir	Sir
coronel	Colonel
lorde	Lord
Lady	Lady
Professor	Professor
Dalai-lama	head Llama
califa	Khalifa
Sra.	Mrs.
<i>monsieur</i>	Monsieur
<i>shikari</i>	<i>shikari</i>
ministro britânico	British Minister

¹⁰ Destaca-se que, na apresentação dos quadros, primeiramente, será apresentada a tradução promovida pela Editora Melhoramentos e, ao lado, será apresentado o texto original em inglês.

Quadro 2 – Topônimos

TRADUÇÃO - MELHORAMENTOS	TEXTO ORIGINAL EM INGLÊS
Londres	London
Europa	Europe
colônias australianas	Australian Colonies
Austrália	Australia
Park Lane	Park Lane
Carstairs	Carstairs
Baldwin	Baldwin
Cavendish	Cavendish
Bagatelle // Bagatelle Card Club	Bagatelle Card Club
Rua Oxford	Oxford Street
Kensington	Kensington
Rua Church	Church Street
Cachoeira Reichenbach // montanha Reichenbach	Reichenbach Fall
Florença	Florence
Tibet	Tibet
Lhasa	Lhasa
Pérsia	Persia
Meca	Mecca
Cartum	Khartoum
Ministério das Relações Exteriores	Foreign Office
França	France
Montpellier	Montpelier
Rua Baker	Baker Street
Praça Cavendish	Cavendish Square
Rua Manchester	Manchester Street
Blandford	Blandford Street
Edifício Camden	Camden House
Grenoble	Grenoble
Império	Eastern Empire
Índia	India
Charing Cross	Charing Cross
Eton	Eton
Oxford	Oxford
campanha de Jowaki	Jowaki Campaign
campanha do Afeganistão	Afghan Campaign
Charasiab	Charasiab
Sherpur	Sherpur
Cabul	Cabul
Rua Conduit	Conduit Street
Anglo-Indian	The Anglo-Indian
Tankerville	Tankerville
Lauder	Lauder
Suíça	Switzerland
Museu da Scotland Yard	Scotland Yard Museum

Quadro 3 – Nomes de pessoas

TRADUÇÃO - MELHORAMENTOS	TEXTO ORIGINAL EM INGLÊS
Ronald Adair	Ronald Adair
Sherlock Holmes	Sherlock Holmes
Hilda	Hilda
Edith Woodley	Edith Woodley
Murray	Murray
John Hardy	John Hardy
Moran	Moran
Godfrey Milner	Godfrey Milner
Balmoral	Balmoral
Maynooth	Maynooth
<i>A Origem do Culto às Árvores</i>	<i>The Origin of Tree Worship</i>
<i>Aves Britânicas</i>	<i>British Birds</i>
<i>Catulo</i>	<i>Catullus</i>
<i>A Guerra Santa</i>	<i>The Holy War</i>
Watson	Watson
Holmes	Holmes
Moriarty	Moriarty
Mycroft Holmes	Mycroft Holmes
Sigerson	Sigerson
Sra. Hudson	Mrs. Hudson
Oscar Meunier	Oscar Meunier
Parker	Parker
harpa	Jew's harp
Lestrade	Lestrade
mistério Molesey	Molesey Mystery
Sebastian Moran	Sebastian Moran
Exército de Sua Majestade na Índia	Her Majesty's Indian Army
Von Herder	Von Herder
professor James Moriarty	Professor James Moriarty
Morgan	Morgan
Merridew	Merridew
Mathews	Mathews
1º dos Pioneiros de Bangalore	1st Bangalore Pioneers
Sir Augustus Moran	Sir Augustus Moran
<i>Caça no Himalaia Ocidental</i>	<i>Heavy Game of the Western Himalayas</i>
<i>Três Meses na Selva</i>	<i>Three Months in the Jungle</i>
Sra. Stewart	Mrs. Stewart

3.2.1. Títulos Honoríficos

Conforme explicado por Costa (2014), títulos honoríficos constituem um tipo de nome próprio que demonstra a distinção de honra entre indivíduos. É o caso dos membros da realeza em diversos países do mundo, a quem são atribuídos títulos honoríficos conforme sua posição na hierarquia monárquica, e é também o caso dos membros da nobreza, a quem são atribuídos títulos honoríficos como agradecimento por atos prestados à casa real, ao monarca ou ao país. Comendas e Ordens também constituem títulos honoríficos cedidos por governos não-monárquicos e organizações.

Na história da Grã-Bretanha, mais especificamente no período de governo da Rainha Vitória, a monarquia era soberana, e a nobreza possuía poderes posteriormente anulados com a queda do absolutismo. Um elemento que identificava essa nobreza e que, com o passar do tempo, se tornou distintivo foram os títulos honoríficos concedidos pela monarca aos seus súditos mais proeminentes. E esse elemento se faz presente em muitas representações da cultura britânica pelo mundo, como, por exemplo, nas histórias de Sherlock Holmes.

Ainda que ficcional, o personagem criado por Sir Arthur Conan Doyle – ele próprio detentor de um título honorífico – foi contemporâneo de figuras históricas reais, testemunhando eventos compreendidos entre final do século XIX e início do século XX. Seria natural se esperar que os contos e romances protagonizados pelo detetive consultor contivessem personagens cuja característica mais destacada fosse um título honorífico, seja esse título concedido a alguém da realeza ou da nobreza.

No caso específico de *The Empty House*, do total de ocorrências, dezesseis foram categorizadas como títulos honoríficos. Entretanto, alguns pronomes de tratamento também foram incluídos por serem uma marca de polidez característica da representação cultural britânica. No quadro de ocorrências, também se encontram termos advindos de outros idiomas, que constituem marcas de assimilação muito comuns no Reino Unido da época, uma vez que os domínios da Rainha Vitória se expandiam da Inglaterra à Índia e à Austrália, além de territórios na África e ao redor do mundo.

Quadro 4 – Títulos Honoríficos¹¹

TRADUÇÃO - MELHORAMENTOS	TEXTO ORIGINAL EM INGLÊS	SUGESTÃO DE TRADUÇÃO
nobre	Honourable	Honorável
Duque	Earl	Conde
governador	Governor	governador
Srta.	Miss	Srta.
Sr.	Mr.	Sr.
Sir	Sir	Sir
coronel	Colonel	coronel
lorde	Lord	Lord
Lady	Lady	Lady
Professor	Professor	professor
Dalai-lama	head Llama	Panchen-lama
califa	Khalifa	califa
Sra.	Mrs.	Sra.
<i>monsieur</i>	Monsieur	monsieur
shikari	shikari	shikari
ministro britânico	British Minister	embaixador britânico

Ao se analisar o total de ocorrências em inglês em comparação com suas respectivas traduções, nota-se que, na maior parte dos casos, o tradutor Antonio Carlos Vilela optou pela tradução dos honoríficos para a língua portuguesa. As exceções acontecem em *Lady*, *monsieur* e *shikari*, aqui transcritos da maneira como aparecem no texto de Vilela.

Lady, assim como sua contraparte masculina *Lord*, é um título nobiliárquico empregado no Reino Unido. *Lady* é empregado tanto para uma mulher que usufrua dos seus próprios direitos quanto para a esposa de um senhor (*Lord*). *Lord*, por sua vez, é mais comumente associado à Câmara dos Lords, a câmara alta do Parlamento, sendo usado também para designar as mulheres do Parlamento. Nos cinco níveis no Pariato da Grã-Bretanha, todos os pares da nobreza, exceto duques e duquesas, usam o tratamento *Lord X* e *Lady Y*.

Os títulos também aplicam-se por cortesia a alguns de seus filhos. Muitos marqueses e marquesas, condes e condessas, viscondes e viscondessas e barões e baronesas usam o tratamento. Barões e baronesas, em particular, quase sempre são tratados apenas por *Lord X* e *Lady Y*.

Embora comumente se traduza o termo *Lord* como *Lorde* ou *senhor* em português e o termo *Lady* como *Dama* ou *senhora*, este é um caso que se encaixa

¹¹ Destaca-se que, na apresentação dos quadros, na primeira coluna, será apresentada a tradução promovida pela Editora Melhoramentos. Por sua vez, na segunda coluna, será apresentado o texto original em inglês. E, por fim, na terceira coluna, será apresentada uma sugestão de tradução.

nos parâmetros de Newmark (1981), para quem tais títulos, a princípio, seriam intraduzíveis, – mas que, por possuírem uma tradução aceita –, permitiriam ao tradutor manter tanto o termo em inglês quanto em português. Essa é a escolha que vemos na tradução de Vilela. Ele optou por se referir ao nobre Balmoral como *lorde*, e isso não caracteriza um apagamento completo da identidade cultural do termo *Lord* a princípio, mas caracteriza uma forma de domesticar o texto original, anulando o elemento estrangeiro ausente na nobreza brasileira, uma vez que os membros da mesma eram tratados por *senhor* e *senhora* e por seus respectivos pronomes de tratamento. Eu, enquanto tradutora, teria optado por usar ambos os títulos em inglês, mas mantendo a grafia com letra maiúscula, para evidenciar que se trata de títulos nobiliárquicos estrangeiros.

Caso semelhante acontece com *Earl e Honourable*. Novamente, na Grã-Bretanha, um *Earl* é um membro da nobreza, ficando abaixo de marquês e, acima de visconde. O termo significa comandante, particularmente um comandante designado para governar um território no lugar do rei ou rainha. E, como coloca Newmark (1981), títulos como *Earl* seriam intraduzíveis a princípio por serem termos que se referem a pessoas, objetos ou processos peculiares que possuem referência singular.

Todavia, quando o nome já possui uma tradução aceita, como é o caso de *Earl*, que, em português, é convencionado como *Conde*, o tradutor pode optar por inserir, em seu texto, a tradução ou pode manter o título em inglês, porém acrescentando uma nota explicativa. O que se observa, no caso da tradução de Vilela, é um apagamento da identidade cultural de *Earl*, cujo significado foi alterado ao ser traduzido como *duque*, uma vez que o duque, na hierarquia da nobreza britânica, está acima do conde. Eu, enquanto tradutora, teria optado por usar o título em português, evitando acrescentar notas e também buscando a correspondência entre os textos.

No caso de *Honourable*, diz-se que todos os filhos e filhas de barões e de viscondes e filhos caçulas de condes recebem o prefixo *Honourable*, sendo ele um título honorífico. Dessa forma, títulos como *Honourable* se encaixam na mesma categoria de *Lady*, *Lord* e *Earl*, os quais Newmark (1981) afirma serem intraduzíveis a princípio, a menos que já possuam uma tradução aceita, como é o caso de *Honourable*, que, em português, é convencionado como *Honorável*. No caso da tradução feita por Vilela, o título específico do jovem Ronald foi generalizado,

transformado em nobre, configurando um novo apagamento de identidade cultural. Eu, enquanto tradutora, teria optado por usar o título em português, evitando acrescentar notas.

Nos casos de *shikari* e *monsieur*, Vilela optou por mantê-los intactos em seus idiomas – hindi e francês, respectivamente – e em itálico. Ambos possuem tradução para o português, sendo *shikari* um termo advindo do hindi, que, na Índia, é usado para denominar um grande caçador. Já *monsieur* deriva da forma do francês médio *mon sieur*, sendo um título honorífico utilizado para referir-se ao irmão mais velho ainda vivo de um rei na corte real francesa. Com a queda do absolutismo e a abolição da monarquia na França, *monsieur* tornou-se o título habitual de respeito e de termo de endereço para um homem de respaldo na língua francesa, correspondente aos ingleses *Lord* e *Sir*.

Por se tratar de termos estrangeiros, assim como *Llama*, é provável que sua manutenção na tradução tenha ocorrido numa possível tentativa de demonstrar que não se tratava de palavras oriundas do inglês. Porém, se em *shikari* e em *monsieur* a identidade cultural dos nomes é preservada, em *Llama* isso não acontece. Vilela optou por traduzir o título *head Llama* como *Dalai-lama*. É necessário esclarecer que, embora *head Llama* possa se referir à entidade superior do budismo tibetano, foi um equívoco de Vilela assumir que a figura à qual Sherlock se refere em *The Empty House* era detentor do título de Dalai-lama.

Na época do conto – 1894 –, a reencarnação de *Chenrezig* vigente era Thubten Gyatso. Em 1878, ele foi reconhecido como reencarnação do Dalai-lama e escoltado para Lhasa, onde lhe foram dados seus votos de pré-noviço pelo Panchen-lama – o mais alto ranking de lama ficando abaixo apenas do Dalai-lama na escola Gelug do budismo tibetano. Em 1879, ele foi entronizado no Palácio de Potala, mas não assumiu o poder político até 1895, depois de ter atingido sua maturidade. Ou seja, são grandes as chances de Sherlock ter se referido ao Panchen-lama em seu relato a Watson, e não ao Dalai-lama em si, o que implicaria um apagamento de identidade cultural na tradução. Enquanto tradutora, eu teria optado por traduzir não só *head Llama* como *Panchen-lama*, como teria optado por manter *shikari* e *Monsieur* em seus idiomas de origem, acrescentando notas explicativas referentes à natureza dos títulos.

Ainda sobre a natureza dos títulos, nota-se um possível equívoco na tradução de *British Minister*. Embora seja possível traduzir o título atribuído a Sir Augustus

Moran, C.B, como *ministro britânico*, dadas as informações inseridas por Sir Arthur Conan Doyle no conto, uma tradução mais apropriada seria *embaixador britânico*. Na época de governo da Rainha Vitória, o Oriente Médio, mais especificamente a Pérsia, possuía um regime monárquico próprio. Logo, seria errôneo traduzir o título de Sir Augustus como *ministro*, uma vez que esse cargo não existia. Já traduzi-lo como *embaixador* faz mais sentido ao avaliar que, mesmo ficcional, ele possuía uma condecoração da Ordem de Bath – C.B significa Companion – e que, muito provavelmente, a mesma lhe fora dada por ser um diplomata. Assim sendo, eu optaria traduzir *British Minister* como *embaixador britânico*.

Já no caso dos pronomes de tratamento e honoríficos restantes no quadro de ocorrências, Vilela optou por traduzi-los tal qual são convencionados em português. Embora estejam corretos, a representação dos pronomes de tratamento constitui uma importante identidade cultural britânica. Mesmo possuindo correspondentes em português, eu os manteria como em seu idioma de origem, ainda que correndo o risco de gerar estranhamento no leitor. Todavia, esse estranhamento seria necessário, já que os termos se inserem num período histórico britânico com o qual se tem pouco contato genuíno se forem desconsideradas obras literárias escritas nesse tempo.

3.2.2. Topônimos

Segundo o dicionário Michaelis (2016), topônimo constitui nome próprio de lugar ou de acidentes geográficos. Localidades geográficas e pontos referenciais têm nomes que não foram escolhidos a esmo. Topônimos, de forma geral, podem fazer referência à geologia, ao relevo, ao clima e a outras particularidades específicas de determinado lugar. Os nomes de cidades, estados e países, assim como nomes de ruas, praças, alamedas e pontos turísticos, geralmente carregam uma carga sócio-histórica e cultural que os torna singulares em seus contextos.

Ao mencionar locais de relevância no cenário de Londres, onde se passa *The Empty House*, se elencam locais nos quais o patrimônio histórico britânico está armazenado. Assim como figuras de importância política, social e cultural, as localidades utilizadas por Sir Arthur Conan Doyle também designam identidades

culturais da Grã-Bretanha vitoriana, pois permitem ao leitor trafegar por vias notórias da cidade e conhecê-las, ainda que de forma literária.

No caso específico de *The Empty House*, do total de ocorrências, quarenta e quatro foram categorizadas como topônimos. No quadro de ocorrências, também se encontram termos advindos de outros idiomas, que constituem marcas de assimilação muito comuns no Reino Unido da época, uma vez que os domínios da Rainha Vitória se expandiam da Inglaterra à Índia e Austrália, além de territórios na África e ao redor do mundo.

Quadro 5 – Topônimos¹²

TRADUÇÃO - MELHORAMENTOS	TEXTO ORIGINAL EM INGLÊS	SUGESTÃO DE TRADUÇÃO
Londres	London	Londres
Europa	Europe	Europa
colônias australianas	Australian Colonies	colônias australianas
Austrália	Australia	Austrália
rua Park Lane	Park Lane	Park Lane
Carstairs	Carstairs	Carstairs
Baldwin	Baldwin	Baldwin
Cavendish	Cavendish	Cavendish
Bagatelle Bagatelle Card Club	Bagatelle Card Club	Bagatelle Card Club
Rua Oxford	Oxford Street	Rua Oxford
Kensington	Kensington	Kensington
Rua Church	Church Street	Rua Church
Cachoeira Reichenbach montanha Reichenbach	Reichenbach Falls	Cataratas Reichenbach
Florença	Florence	Florença
Tibet	Tibet	Tibet
Lhasa	Lhasa	Lhasa
Pérsia	Persia	Pérsia
Meca	Mecca	Meca
Cartum	Khartoum	Cartum
Ministério das Relações Exteriores	Foreign Office	Departamento de Relações Estrangeiras
França	France	França
Montpellier	Montpelier	Montpelier
Rua Baker	Baker Street	Baker Street
Praça Cavendish	Cavendish Square	Praça Cavendish
Rua Manchester	Manchester Street	Rua Manchester
rua Blandford	Blandford Street	Rua Blandford
Edifício Camden	Camden House	Casa Camden
Grenoble	Grenoble	Grenoble
Império	Eastern Empire	Império Anglo-Oriental

¹² Destaca-se que, na apresentação dos quadros, na primeira coluna, será apresentada a tradução promovida pela Editora Melhoramentos. Por sua vez, na segunda coluna, será apresentado o texto original em inglês. E, por fim, na terceira coluna, será apresentada uma sugestão de tradução.

Índia	India	Índia
Charing Cross	Charing Cross	Charing Cross
Eton	Eton	Eton
Oxford	Oxford	Oxford
campanha de Jowaki	Jowaki Campaign	campanha de Jowaki
campanha do Afeganistão	Afghan Campaign	campanha do Afeganistão
Charasiab	Charasiab	Charasiab
Sherpur	Sherpur	Sherpur
Cabul	Cabul	Cabul
Rua Conduit	Conduit Street	Rua Conduit
Anglo-Indian	The Anglo-Indian	Anglo-Indian
Tankerville	Tankerville	Tankerville
Lauder	Lauder	Lauder
Suíça	Switzerland	Suíça
Museu da Scotland Yard	Scotland Yard Museum	Museu da Scotland Yard

Tida como uma das maiores referências às histórias de Sherlock Holmes, Baker Street é uma das mais notórias ruas de Londres, situada no distrito de Marylebone, em Westminster. É no número 221B desse endereço que, de acordo com Sir Arthur Conan Doyle, vive o mais famoso detetive consultor da história da literatura e seu companheiro Dr. Watson. Com o passar dos anos e com a difusão do trabalho de Sir Arthur pelo mundo, Baker Street passou a atrair a atenção de pessoas não só da Inglaterra e adjacências como de outros países que buscavam conhecer um pouco mais da vida de Sherlock Holmes, tornando-se, assim, uma identidade cultural significativa da coletividade e costumes dos britânicos. Logo, é preciso atentar que, ao se desmembrar *Baker Street* e traduzir seus termos genericamente como *Rua Baker* – ainda que Newmark (1981) oriente que, quando a denotação do nome não é conhecida ou é obscura para o leitor, o tradutor geralmente acrescenta o nome genérico apropriado –, está se apagando a identidade cultural constituída. E foi exatamente o que Vilela fez. *Baker Street*, sendo um nome que designa uma localização geográfica em particular, Newmark (1981) afirma que não se deveria traduzir, assim como não se deveriam traduzir nomes de praças. Eu, enquanto tradutora, teria mantido o topônimo em inglês, acrescentando uma nota explicativa acerca da importância do lugar.

Caso semelhante acontece em *Park Lane*, traduzida por Vilela como *rua Park Lane*. Sendo, novamente, um nome que designa uma localização geográfica em particular, de acordo com Newmark (1981), não se deveria traduzi-lo. Porém, o conto não deixa clara a denotação do nome, e *Park Lane*, ao contrário de *Baker*

Street, não é um elemento frequente nas histórias de Sherlock. Talvez, por essa razão, Vilela tenha optado por adicionar o termo genérico rua à sua tradução. Todavia, Park Lane não se trata de uma rua a partir do conceito que usualmente temos de rua. É preciso ressaltar que a história se passa no século XIX, em que as vias de tráfego de Londres eram diferentes do que são hoje e diferentes do que se conhece no Brasil.

Originalmente, Park Lane era uma estrada de campo simples no limite do Hyde Park – daí seu nome –, do qual era separada por uma parede de tijolos. A estrada cresceu em popularidade durante o século XIX depois de melhorias implementadas no Hyde Park Corner, e vistas mais acessíveis do parque atraíram nobres e aristocratas ao endereço, o que levou a Park Lane a se tornar uma das estradas mais elegantes para viver em Londres. Assim, uma tradução poderia contemplar esse aspecto da *Park Lane* e traduzi-la como *Alameda Park* ou *Travessa Park*. Nesse caso, eu optaria por manter Park Lane em inglês, acrescentando uma nota explicativa quanto à natureza do endereço.

Novamente aplicando uma generalização em relação a um termo, Vilela transformou *Reichenbach Falls* em *Cachoeira Reichenbach* e *montanha Reichenbach* em dois momentos distintos em sua tradução. No entanto, *Reichenbach Falls* constituem uma série de quedas d'água localizadas na parte alta do cantão de Berna, na Suíça. Sendo, como todos os topônimos nesta subseção, um nome que designa uma localização geográfica em particular, Newmark (1981) afirma que não se deveria o traduzir a princípio. Apenas quando a denotação do nome não é conhecida ou é obscura para o leitor, o tradutor geralmente acrescenta o nome genérico apropriado.

O que se observa no caso da tradução de Vilela é um apagamento de identidade cultural, dessa vez da cultura suíça, através da alteração no sentido de *Falls*, uma vez que ele se utiliza do termo traduzido *Cachoeira*, que é o vocábulo cujo sentido abarca precipitações de altura, volume e desenho bastante variados. Nesse caso, a tradução realizada desempenha um papel genérico semelhante ao de queda d'água. Entretanto, *Reichenbach Falls* seriam melhor traduzidas por *catarata* ou, ainda, pelo plural *cataratas*, já que o termo no singular nomeia uma queda d'água de grande altura, com grande volume e estrondo, como é o caso de Reichenbach. Eu, enquanto tradutora, teria optado por usar o termo em português *cataratas*.

Continuando com os termos cuja referência não é correspondente entre língua-fonte e língua-alvo, temos o caso de *Foreign Office*. Em alguns países, incluindo o Reino Unido, *Foreign Office* designa o departamento do governo encarregado de assuntos estrangeiros. Tal departamento, contudo, não deve ser confundido – tampouco traduzido – como *Ministério das Relações Exteriores*, uma vez que essa divisão do poder executivo é típica do Brasil, e não da Grã-Bretanha.

Os britânicos possuem, na verdade, um departamento específico em seu governo responsável por proteger e promover os interesses de sua nação pelo mundo. Portanto, atribuir ao *Foreign Office* o mesmo caráter do *Ministério das Relações Exteriores* seria errôneo, já que apaga a identidade cultural de um dos mais importantes departamentos governamentais britânicos, notório principalmente na histórias de Sherlock Holmes.

O Ministério das Relações Exteriores, como conhecido no Brasil, pertence a um sistema de governo republicano presidencialista e é gerido por um Ministro de Estado. Por sua vez, o Foreign Office, como colocado por Sir Arthur, pertence a um sistema de governo monarquista parlamentar, sendo gerido por um Secretário de Estado.

Considerando esses fatores, eu, enquanto tradutora, optaria por traduzir *Foreign Office* como *Departamento de Relações Exteriores*, acrescentando uma nota quanto à natureza político-executiva do termo.

Outro possível equívoco – este mais simples que os demais encontrados na tradução de Vilela –, diz respeito à Camden House. Descrita por Sir Arthur como a residência localizada diretamente em frente ao número 221B da Baker Street e considerada o padrão arquitetônico vigente – casas geminadas, construídas em tijolo com telhados de ardósia, detalhes em pedra e decoração modesta –, é bastante provável que a Camdem House se tratasse simplesmente de uma casa típica vitoriana, e não de um *Edifício*, como traduziu Vilela. A troca de termos configura um apagamento de identidade cultural, ainda que não muito prejudicial, uma vez que o leitor pode ser levado a imaginar um prédio nas proporções existentes atualmente, e, na verdade, o descrito por Sir Arthur era algo bastante diferente. Enquanto tradutora, eu optaria por traduzir *Camden House* como *Casa Camden*, acrescentando uma nota explicativa quanto à arquitetura da era vitoriana.

Já no caso de *Eastern Empire*, o que ocorre é um apagamento de identidade cultural seríssimo. Vilela optou por traduzir os termos somente como *Império*. Ao

omitir a referência ao oriente em sua tradução, ele priva o leitor do contato com uma parte significativa da cultura vitoriana, já que a Rainha Vitória, além de monarca britânica, também era detentora do título de Imperatriz da Índia. O Império Anglo-Oriental, como nomeado por Martin (1832), era constituído pelas possessões e protetorados do Reino Unido na Índia subcontinental, o que equivale atualmente à Índia, ao Paquistão, a Bangladesh e à Birmânia.

Dessa forma e para evitar quaisquer confusões que possam ocorrer entre a tradução *Império* feita por Vilela – que, de tão genérica, pode ser aplicada a qualquer Império que tenha existido na História – e traduções que designam o *Império Anglo-Oriental* e o *Império Romano do Oriente* (ambos referidos no inglês como Eastern Empire), uma maneira de se referir ao *Eastern Empire*, de Sir Arthur, sem omitir nenhum dos seus constituintes e sem apagar a identidade cultural criada pelos termos, seria a tradução do termo como Império Anglo-Oriental. Portanto, de minha parte enquanto tradutora, eu optaria por traduzir *Eastern Empire* como *Império Anglo-Oriental*, acrescentando uma nota explicativa para diferenciar o mesmo do Império Romano do Oriente – ou Império Bizantino.

É necessário atentar para um detalhe que, invariavelmente, passaria despercebido ao leitor, mas que não deveria passar despercebido ao tradutor: quando Sherlock se refere a Mathews, que arrancou seu canino esquerdo com um soco na sala de espera em Charing Cross, não fica claro se o lugar ao qual o detetive se refere é o Charing Cross Hospital, a Charing Cross Railway Station ou, até mesmo, o Charing Cross Hotel. Já que os três estabelecimentos possuem salas de espera, é impossível deduzir de qual se trata. Portanto, ao traduzir os termos, uma nota explicativa quanto à provável natureza desse *Charing Cross* deveria ser acrescentada ao texto, o que não fez Vilela. Ele apenas manteve os termos em inglês, ignorando que a omissão a um referencial poderia causar não só estranhamento, como dúvidas ao leitor. Nesse caso, eu optaria por manter os termos em inglês, mas acrescentaria uma nota explicando os possíveis topônimos aos quais *Charing Cross* poderia se referir.

Já no caso dos topônimos restantes no quadro de ocorrências, Vilela optou por traduzi-los tal qual recomenda Newmark (1981): quando a denotação do nome não é conhecida ou é obscura para o leitor, o tradutor geralmente acrescenta o nome genérico apropriado ou se utiliza dos termos convencionados em português. As demais ocorrências, embora representem fragmentos da cultura geográfica

britânica, podem ser traduzidas desde que se respeitem os referenciais a elas associados.

3.2.3. Nomes de pessoas

O nome de uma pessoa também pode ser definido por antropônimo, ou seja, um nome que é próprio de um ser personificado, podendo ser um prenome ou sobrenome que explica sua origem, sua evolução e sua variação em função de local, época e costumes.

Antropônimos podem ser classificados por uso – prenome, sobrenome ou apelidos, por origem – localidade, ofício, hierônimos, qualidade – ou por alteração – aglutinação ou transposição. Historicamente, os sobrenomes serviam para especificar, com mais precisão, a quem se estaria referindo.

Em muitas histórias, os nomes de pessoas desempenham um papel importante, pois, além de ser a maneira através da qual o autor se refere aos seus personagens, o nome próprio também pode revelar muito sobre os personagens, haja vista o próprio Sherlock Holmes. Seu primeiro nome, embora não usual, tornou-se um sinônimo de detetive mundo afora. Já seu sobrenome, invariavelmente associado ao prenome Sherlock, também acabou sendo associado ao detetive, pois era através do sobrenome que o Dr. Watson se referia ao colega em suas narrativas.

No caso específico de *The Empty House*, do total de ocorrências, trinta e sete foram categorizadas como antropônimos. No quadro de ocorrências, também se encontram nomes de obras literárias, regimentos militares e instrumentos musicais, que, embora não nomeiem pessoas, foram encaixados nessa categoria por serem de trato social e de importância para os personagens do conto.

Quadro 6 – Nomes de pessoas¹³

TRADUÇÃO - MELHORAMENTOS	TEXTO ORIGINAL EM INGLÊS	SUGESTÃO DE TRADUÇÃO
Ronald Adair	Ronald Adair	Ronald Adair
Sherlock Holmes	Sherlock Holmes	Sherlock Holmes
Hilda	Hilda	Hilda
Edith Woodley	Edith Woodley	Edith Woodley
Murray	Murray	Murray
John Hardy	John Hardy	John Hardy
Moran	Moran	Moran
Godfrey Milner	Godfrey Milner	Godfrey Milner
Balmoral	Balmoral	Balmoral
Maynooth	Maynooth	Maynooth
<i>A Origem do Culto às Árvores</i>	<i>The Origin of Tree Worship</i>	<i>The Origin of Tree Worship</i>
<i>Aves Britânicas</i>	<i>British Birds</i>	<i>British Birds</i>
<i>Catulo</i>	<i>Catullus</i>	<i>Catullus</i>
<i>A Guerra Santa</i>	<i>The Holy War</i>	<i>The Holy War</i>
Watson	Watson	Watson
Holmes	Holmes	Holmes
Moriarty	Moriarty	Moriarty
Mycroft Holmes	Mycroft Holmes	Mycroft Holmes
Sigerson	Sigerson	Sigerson
Sra. Hudson	Mrs. Hudson	Mrs. Hudson
Oscar Meunier	Oscar Meunier	Oscar Meunier
Parker	Parker	Parker
harpa	Jew's harp	berimbau de boca
Lestrade	Lestrade	Lestrade
mistério Molesey	Molesey Mystery	mistério Molesey
Sebastian Moran	Sebastian Moran	Sebastian Moran
Exército de Sua Majestade na Índia	Her Majesty's Indian Army	Exército Indiano de Sua Majestade
Von Herder	Von Herder	Von Herder
professor James Moriarty	Professor James Moriarty	Professor James Moriarty
Morgan	Morgan	Morgan
Merridew	Merridew	Merridew
Mathews	Mathews	Mathews
1º dos Pioneiros de Bengalore	1st Bangalore Pioneers	1º Regimento dos Pioneros de Bengalore
Sir Augustus Moran	Sir Augustus Moran	Sir Augustus Moran
<i>Caça no Himalaia Occidental</i>	<i>Heavy Game of the Western Himalayas</i>	<i>Heavy Game of the Western Himalayas</i>
<i>Três Meses na Selva</i>	<i>Three Months in the Jungle</i>	<i>Three Months in the Jungle</i>
Sra. Stewart	Mrs. Stewart	Mrs. Stewart

Embora não sejam nomes de pessoas, *The Origin of Tree Worship*, *British Birds*, *Catullus*, *The Holy War*, *Heavy Game of the Western Himalayas* e *Three*

¹³ Destaca-se que, na apresentação dos quadros, na primeira coluna, será apresentada a tradução promovida pela Editora Melhoramentos. Por sua vez, na segunda coluna, será apresentado o texto original em inglês. E, por fim, na terceira coluna, será apresentada uma sugestão de tradução.

Monsths in the Jungle se enquadram como tal, pois designam uma referência singular, ou seja, livros. Entretanto, não se encontram referências a nenhum dos livros em língua inglesa – com exceção de *Catullus* –, o que permite deduzir que Sir Arthur Conan Doyle os inventou para usar na história. Assim sendo, não se pode deixar de considerar que se trata de títulos de obras. E, nesse caso, vale ressaltar que, para Newmark (1981), nomes de livros são geralmente referenciados por seus títulos traduzidos já conhecidos. Porém, quando um trabalho ainda não é conhecido, Newmark (1981) aponta que o título deve ser transcrito. A postura de Vilela diverge nesse sentido, já que ele optou por traduzir todos os títulos para o português, ignorando que os mesmos são ficcionais e não possuem nomes convencionados. A partir da postura do tradutor, observa-se, então, um apagamento da identidade cultural vinda do inglês, pois o leitor pode supor que tais livros existem não só em português, mas na realidade – ou seja, no mundo não ficcional. Eu, enquanto tradutora, teria optado pela manutenção dos termos em inglês, acrescentando uma pequena nota explicativa sobre a existência das obras em questão.

O não-apagamento de identidade cultural nos títulos de livros se dá com *Catullus*¹⁴. E, nesse caso, Newmark (1981) aponta que comumente deve haver uma naturalização para o idioma em que se pretende traduzir determinado nome. Isso fica evidente no caso de *The Empty House*, pois Vilela Borges se referiu ao poeta pela forma em português de seu nome: Catulo. Eu, enquanto tradutora, também teria optado por usar o termo em português.

Se no caso de *Catullus* não ocorre apagamento de identidade cultural, o mesmo não pode ser dito acerca de *Jew's Harp*. *Jew's harp* é o nome dado a um instrumento que consiste em uma língua flexível de metal ou bambu ligada a uma estrutura. E essa língua flexível de metal é posta na boca do músico e dedilhada para produzir uma nota. O instrumento é conhecido por numerosas culturas diferentes por, no mínimo, quarenta nomes diferentes. Entretanto, no Brasil, esse instrumento é conhecido como berimbau de boca. Nesse caso, Newmark (1981) orienta que nomes como *Jew's harp* seriam intraduzíveis, a princípio, por serem termos que se referem a pessoas, objetos ou processos peculiares que possuem referência singular. Mas, quando o nome já possui uma tradução aceita, como é o caso de *Jew's harp* – que, em português, é convencionado como *berimbau de boca*

¹⁴ Gaius Valerius Catullus foi um poeta romano que viveu durante o final do período republicano.

–, o tradutor pode optar por inserir, em seu texto, a tradução ou pode manter o título em inglês, porém acrescentando uma nota explicativa. No caso da tradução realizada por Vilela, o instrumento foi nomeado apenas como harpa, o que apaga por completo a sua identidade cultural e passa ao leitor uma ideia errônea acerca do instrumento em questão. Eu, enquanto tradutora, teria optado por usar o vocábulo convencionado em português, acrescentando uma pequena nota explicativa sobre a descrição do instrumento.

Apagamentos semelhantes ocorrem em *Her Majesty's Indian Army e 1st Bangalore Pioneers*, em que uma fração do nome pode influenciar o sentido do todo. Na primeira situação, Sir Arthur se refere aos soldados tanto britânicos quanto indianos que compunham o contingente militar designado para defender os interesses da Rainha Vitória na Índia. Traduzir esse nome como apenas *Exército de Sua Majestade na Índia*, o que fez Vilela, pode passar ao leitor a ideia de que se tratava somente de soldados puramente britânicos, quando, na verdade, o Ato da Índia de 1858, promulgado do Parlamento Inglês, decretou a dissolução dos exércitos que se amotinavam no país e deu aos soldados a opção de se transferirem para o exército britânico ou de serem dispensados com uma recompensa e enviados de volta para a Europa. Os regimentos de indianos amotinados também foram dispensados, mas os poucos que permaneceram leais aos britânicos, somados às unidades irregulares nativas que também permaneceram leais, formando a base do novo *Exército Indiano de Sua Majestade*.

O mesmo acontece com *1st Bangalore Pioneers*, mencionado em *The Empty House* como sendo o destacamento militar do qual o vilão Coronel Sebastian Moran fazia parte. Na realidade, muitos regimentos do exército britânico – inclusive os citados por Sir Arthur em sua obra – possuíam ordenações numéricas, como é o caso de 5th Northumberland Fusileers, o destacamento militar ao qual o Dr. Watson pertenceu durante sua campanha no Afeganistão. A tradução de Vilela – *1º dos Pioneiros de Bangalore* – passa a ideia de que Moran era o primeiro do regimento, o que é errôneo e apaga a identidade cultural do nome ao potencialmente alterar o seu significado. Eu, enquanto tradutora, teria optado por traduzir os termos militares como *Exército Indiano de Sua Majestade e 1º Regimento dos Pioneiros de Bangalore*, acrescentando uma nota explicativa sobre os termos em seus contextos originais.

Já no caso dos antropônimos restantes no quadro de ocorrências, Vilela optou por mantê-los e traduzir somente aquilo que fosse passível de ser traduzido, como termos genéricos e pronomes de tratamento vinculados aos nomes. Essa postura adotada pelo tradutor é recomendada por Newmark (1981), pois nomes de personagens não deveriam ser traduzidos, a princípio, por poderem sugerir uma possível mudança de nacionalidade caso sua tradução ocorra. Uma vez que sobrenomes em ficção geralmente apresentam conotações específicas, o tradutor, portanto, nesse caso, deveria explicar as conotações em um glossário e deixar os nomes intactos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada, nota-se que não foram numerosos os apagamentos de identidade cultural identificados na tradução do conto *The Empty House* feita por Antonio Carlos Vilela. Entretanto, aqueles identificados possuem potencial para prejudicar a leitura, uma vez que privam o leitor do conhecimento de aspectos de uma realidade que certamente lhe é desconhecida.

Notou-se, nesse sentido, uma tendência à domesticação (VENUTI, 2008 [1995]) dos nomes próprios, a qual poderia ser explicada de duas formas. A primeira forma se relaciona ao caráter de acessibilidade da obra, que, por estar em domínio público, permite ao tradutor adotar a postura que melhor lhe convém. A segunda forma se relaciona à ideia de publicação por trás da tradução. A Editora Melhoramentos – que publicou o trabalho de Vilela – é voltada, em sua linha editorial, para uma vertente didática, e sua presença no âmbito escolar reforçaria a ideia de que a tradução de Vilela tenha domesticado os nomes próprios numa tentativa – possivelmente – de torná-los “palatáveis” ao público jovem.

A problemática oriunda de se adotar essa postura, pelo menos no caso particular de *The Empty House*, está num apagamento não só de identidades culturais constituídas pelos nomes próprios presentes na história, mas também num apagamento do estilo do autor, o que acontece não só nesse conto, mas em todos os outros contos de Sherlock Holmes traduzidos por Vilela a pedido da Editora Melhoramentos.

Temos consciência de que a Grã Bretanha não se resume somente às histórias de Sherlock e do Dr. Watson, aos crimes que apavoravam a sociedade vitoriana, às reviravoltas e às soluções miraculosas propostas pelo detetive. Nem mesmo o próprio Sherlock é somente isso. E nem mesmo as maneiras e os acontecimentos eram os mesmos em todo o país nas décadas do governo da Rainha Vitória. Mas se constatou, a partir da realização deste trabalho, que essa parte da literatura e da cultura britânicas foi parcialmente apagada ao chegar ao público leitor brasileiro.

Diante da importância das histórias de Sherlock Holmes para a identidade cultural britânica, espera-se, portanto, que este trabalho tenha contribuído para os estudos da literatura como elemento fundamental da cultura da Grã-Bretanha e, de

modo mais pontual, para os Estudos da Tradução, especialmente no que diz respeito à tradução de nomes próprios, que, como visto, exerce considerável papel na formação de identidades literário-culturais.

REFERÊNCIAS

- ABDOLMALEKI, S. D. Proper Names in Translation: an Explanatory Attempt. *The Social Sciences*, v. 7, n. 6, 2012. p. 832-837.
- AGUILERA, E. The Translation of Proper Names in Children's Literature. *Revista E-fabulações*. V. 2, 2008. p.1-10. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4666.pdf>. Acesso em 17 de mai. de 2015.
- AVELAR, T. F. A formação de identidades culturais no Curso de Letras-Libras por meio da atividade de tradução. *Cadernos de Tradução*, v. 2, n. 26, 2010. p. 275-289.
- BASTOS, J. Slash Fiction como mecanismo tradutório: o caso Sherlock/Watson. *escrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU*. Nilópolis, v.5, n. 3, set.-dez. 2014.
- BERMAN, A. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Trad. Maria-Hélène Torres et al. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007 [1985].
- BERTILLS, Y. *Beyond identification: proper names in children's literature*. Åbo, 2003.
- BLOMQVIST, M. *Personnamnsboken*. Loimaa: Finnlectura Ab., 1993.
- CARVALHINHOS, P. J. ; ANTUNES, A. M. Princípios teóricos de Onomástica. Toponímia e Antroponímia: o nome próprio. *Cadernos do CNLF. Livro dos Minicursos*. vol. XI, n. 2. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2007. p. 108 - 121.
- COSTA, A. *Títulos de nobreza e hierarquias: um guia sobre as graduações sociais na história*. São Paulo: Draco, 2014.
- COSTA, F. M. da. Sobre Sherlock Holmes. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 fev. 2008.
- DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss/Ed. Objetiva , 2001.
- DOYLE, A. C. *A volta de Sherlock Holmes*. Tradução de Antonio Carlos Vilela. 2.ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2011 [2008].
- _____. *The Return of Sherlock Holmes*. 4.ed. Hertfordshire: Wordsworth Editions Limited, 2008.
- EDITORA MELHORAMENTOS. *A Editora*. Disponível em: http://www.melhoramentos.com.br/site/?page_id=6. Acesso em 12 de abril de 2015.
- EVEN-ZOHAR, I. The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem, 1972. In: VENUTI, L. *The Translation Studies Reader*. New York: Routledge, 2000.

FERNANDES, L. Translation of names in children's fantasy literature: Bringing the young reader into play. *New voices in translation studies*, v. 2, n. 2, 2006. p. 44-57
FOLARON, Debbie. *Estudos da Tradução*. Disponível em: <http://www.translationromani.net/pt/traducao/traducaoterminologia/estudos-da-traducao>. Acesso em 08 de jan. de 2016.

FREITAS, L. F. de. Tradução e autoria: de Schleiermacher a Venuti. *Cadernos de Tradução*. n. 21. Florianópolis: UFSC, 2008.

HOLMES, J. The name and nature of Translation Studies, 1972. In: VENUTI, L. *The Translation Studies Reader*. New York: Routledge, 2000.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetivo, 2001.

JALENIAUSKIENĖ, E. & ÈIÈELYTĖ, V. The Strategies for Translating Proper Names in Children's Literature. *Kalbøstudijos*, n. 15, Kaunas, 2009.

LEFEVERE, A. Tradução, Reescrita e Manipulação da Fama Literária. Trad. de Cláudia Matos Seligmann. Bauru: EDUSC, 2007 [1992].

MARTIN, R. M. *The political, commercial, & financial condition of the Anglo-Eastern empire*. Parbury: Allen and co., 1832.

DICIONÁRIO MICHAELIS. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br>. Acesso em 26 de jan. de 2016.

MITCHELL, S. *Daily Life in Victorian England*. Greenwood Publishing Group, 1996.

MIZANI, S. Proper Names and Translation. *Translation Journal*. v.12, n. 3, 2008.

NEWMARK, P. *Approaches to Translation*. Oxford: Pergamon Press. 1981.

OLIVEIRA, M. C. C. Ética ou éticas da tradução? *Tradução em Revista* (Online), v. 4, 2007.

PASCAL, J. B. *Arthur Conan Doyle: Beyond Baker Street*. Oxford University Press, 2000.

RAMOS, R. T. Em busca de uma caracterização geral do topônimo. *Anais do Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. v.12, 2008.

SCHLEIERMACHER, F. *Sobre os diferentes métodos de traduzir*. Trad. Celso Braida. Princípios 21, 2007 [1813].

TYMOCZKO, M. *Translation in a Postcolonial Context*. Manchester: St Jerome. 1999.

VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. 2 ed. London, New York: Routledge, 2008 [1995].

_____. *Escândalos da tradução*. Trad. Laureano Pelegrin *et al.* Bauru: EDUSC, 2002 [1998].

VILELA, A. C. *Biografia*. Disponível em: <https://www.facebook.com/vilela.ac/info>. Acesso em 12 de abr. de 2015.

VILKUNA, K. Etunimet: [*Tarkistettupainos*]. Helsinki: Octava, 1990.